

UNQUIET



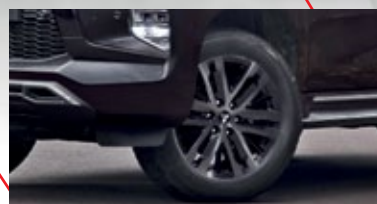
VIETNÃ · NOVA ZELÂNDIA · COREIA DO SUL

É AQUI ONDE A AVENTURA 4X4 ENCONTRA A EXCLUSIVIDADE.

PAJERO SPORT



Tech & Soul



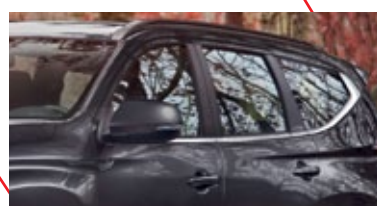
RODAS DE LIGA LEVE ARO 20"
NA COR PRETA BRILHANTE



**BANCOS COM REVESTIMENTO
PREMIUM NA COR MARROM**



**GRADE DIANTEIRA E DYNAMIC
SHIELDS NA COR PRETA**



**RETROVISORES E MAÇANETAS
EXTERNAS NA COR PRETA**



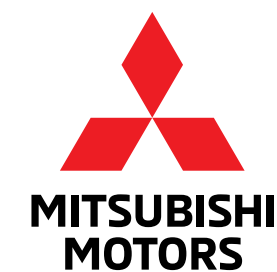
**FARÓIS DE LED
COM ACABAMENTO NA COR PRETA**



**TRAÇÃO 4X4 SUPER SELECT II
COM 4 MODOS DE CONDUÇÃO**

4x4
É MITSUBISHI

PAJEROSPORT.COM.BR



Você no topo da experiência financeira

Soluções que colocam você
no controle de tudo



Baixe o app
e abra
sua conta

C6 BANK



Sumário

- 016 **360°** – Experiências autênticas em destinos remotos e cidades cosmopolitas
- 036 **48 Horas** – Haia: uma imersão atemporal de elegância, cultura e arte
- 042 **Festivais** – A mágia do jazz para todas as tribos e todas as idades
- 046 **Biblioteca** – Um apanhado de obras diversas, inclusivas e sensíveis
- 050 **Sustentabilidade** – A comunidade consciente da Ilha de Boipeba
- 052 **Check-in** – Conforto, bom gosto e bom senso para viajar bem – e sempre
- 054 **Brasil** – Boipeba, a ilha baiana que segue o ritmo de sua própria natureza
- 066 **Cultura** – A fascinante Ilha de Hokkaido, marcada pelo legado da cultura Ainu
- 078 **Arte** – Coreia do Sul, a nova *trend* da cultura pop e da arte contemporânea
- 088 **Esporte** – Ousadia e aventura à toda prova na Nova Zelândia
- 096 **Bem-estar** – Corpo e mente em harmonia sob a paisagem zen do Vietnã
- 106 **Proudly** – Um pedal afetivo pelo sul da Bretanha
- 110 **Ensaio** – Tom Alves: a arte que impacta e ensina sobre um mundo melhor
- 118 **Gastronomia** – Uma explosão de sabores nas vinícolas sul-africanas
- 128 **Aventura** – Ilha da Madeira: natureza radical no meio do Atlântico
- 138 **Entrevista** – O compromisso inabalável de Keith Vincent com a natureza
- 144 **Crônica** – Marcia De Luca e sua profunda conexão com a Índia
- 146 **Inspiradores** – Tarsila do Amaral, a viajante que pintou o Brasil para o mundo



* Celebrando 100 anos de Meisterstück com um curta-metragem de Wes Anderson

MONTBLANC

Celebrating 100 Years of Meisterstück
with a short film by Wes Anderson.*
www.montblanc.com.br

“Veja o mundo. É mais fantástico do que qualquer sonho.”

Ray Bradbury



C6 BANK

UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

Diretor Editorial

Fernando Paiva (*in memoriam*)

Diretor executivo

André Cheron

Diretora de conteúdo

Nathalia Hein

Consultor

Erik Sadao

Diretor Comercial

Ricardo Battistini

Diretor de Arte

Ken Tanaka

Editor de arte

Raphael Alves

Gerente de marketing e conteúdo digital

Luciana Lancellotti

Coordenadora digital

Patricia Poli

Produtora de conteúdo digital

Karina Perussi

Projeto gráfico

Ken Tanaka e Raphael Alves

Gerentes de contas e novos negócios

Fernanda Espindola, Gabriel Matvyenko, Mirian Pujol e Ney Ayres

Colaboraram neste número

Texto: André Fischer, Carlos Marcondes, Carolina Sagesser Rodrigues, Corinna, Sagesser, Daniel Nunes Gonçalves, Erik Sadao, Helena Vieira, Luciana Lancellotti, Marcia De Luca, Naiara Wagner, Natália Manczyc, Nathalia Hein e Philippe Takla
Fotos: Carlos Marcondes, Daniel Nunes, Felipe Beltrame e Tom Alves

Ilustração: Antonio Tavares e Ida Feldman

Revisão: Paulo Kaiser

CAPA

Divulgação/Avana Retreat

Custom Editora Ltda.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200
Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

assinaturas revistaunquiet.com.br/assine

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

Viajar é mais do que explorar novos lugares: é conectar-se com comunidades locais, culturas diversas e paisagens deslumbrantes. Em cada viagem, independentemente do destino, retorno renovada, com novos aprendizados e momentos para guardar na memória e no coração.

Nesta edição, embarcamos para o Vietnã, onde desfrutamos de dias de puro bem-estar em meio à natureza exuberante. Para os amantes da gastronomia, viajamos até a África do Sul, na belíssima região dos vinhedos, para saborear os premiados vinhos e a culinária local, simplesmente incríveis.

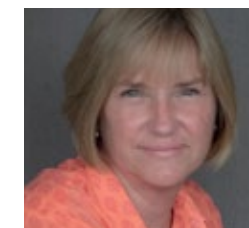
Da Nova Zelândia, país conhecido como o paraíso dos esportes radicais, trouxemos os melhores locais para quem ama *trekking*, *mountain bike*, surfe, canoagem e muito mais. No Japão, visitamos a ilha de Hokkaido para conhecer os ainus, um povo que habita a região há milênios e nos ensina muito sobre cultura e sabedoria ancestrais.

Para os apreciadores de arte, fomos até a Coreia do Sul, onde exploramos museus e galerias que destacam o melhor da arte contemporânea, em um país que atrai cada vez mais viajantes do mundo todo. E, claro, o Brasil sempre está no nosso radar. Dessa vez, fomos até Boipeba, na Bahia, para conhecer esse lugar ainda quase intocado, onde a comunidade local se empenha em preservar o meio ambiente, sua cultura e suas tradições, em um movimento de puro amor à sua terra natal.

Por fim, como a sustentabilidade é um dos principais pilares da UNQUIET, entrevistamos o CEO da Wilderness Safaris, Keith Vincent, uma verdadeira referência em unir o turismo responsável, a preservação do meio ambiente e o respeito pelos povos originários.

Que esta edição inspire você a viajar pelo mundo e retornar renovado!

Stay alive.
Be UNQUIET.



CORINNA SAGESSE
PUBLISHER

DICAS DIÁRIAS:

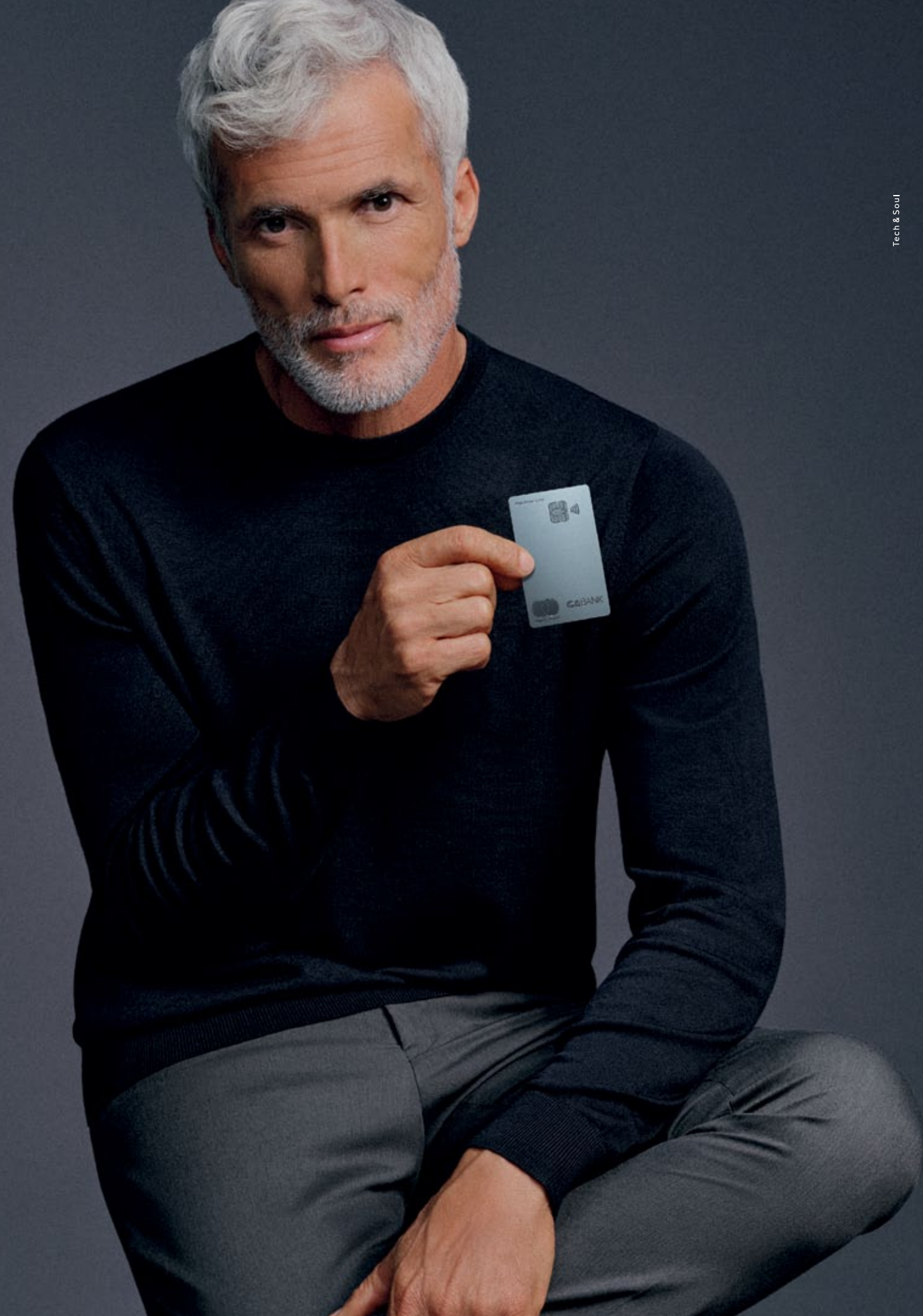
@revistaunquiet
 /revistaunquiet

/revistaunquiet
revistaunquiet.com.br

C6Graphene

Descubra o nível máximo de sofisticação

Atendimento de excelência 24h por dia, investimentos exclusivos
e um cartão que acumula 4 pontos/US\$ no crédito



Tech & Soul



Abra a sua conta
e peça o seu

C6BANK

Colaboradores



Fotógrafo há 16 anos, **Tom Alves** se dedica a documentar a natureza, viagens e a cultura popular pelo mundo. Com trabalhos publicados em revistas, livros e jornais, seu acervo reúne paisagens de locais longínquos e remotos, além do registro do modo de vida de povos tradicionais. Ele atua também como guia e líder de expedições fotográficas, nas quais leva outros fotógrafos a destinos cênicos, ricos em biodiversidade e culturas singulares. Ele assina o Ensaio desta edição.



Defensora assumida da Filosofia do Bem-Estar, **Marcia De Luca** tem como missão inspirar pessoas no caminho do autoconhecimento e do autodesenvolvimento. Há mais de 40 anos se dedica aos estudos das ciências irmãs, a ioga e a ayurveda, resgatando o método Ayur-Yoga. Todos os anos, Márcia organiza viagens à Índia para que seus alunos possam vivenciar os conhecimentos desse país milenar. Autora de vários livros, ela escreve a Crônica desta edição.



Ativista socioambiental e documentarista com foco em direitos humanos e na natureza, **Felipe Beltrame** trabalha em colaboração com movimentos sociais, ONGs e institutos, cobrindo assuntos como crise climática, movimento indígena e manifestações populares por meio de reportagens fotográficas, audiovisuais e de texto. Urbanista de formação, especializado em comunicação e marketing digital e surfista por paixão, ele assina as fotos da matéria da seção Brasil.



Philippe Takla é graduado em administração de empresas pela Faap e iniciou sua carreira na área financeira. Aos 30 anos, ao iniciar mestrado em arqueologia pela USP e fundar a Explore Travel, mudou os rumos de sua vida. Ele passou a viajar pelo mundo ao lado do marido, Cristiano Biagi, criador do Kissu Trips, buscando sempre ter um olhar especial sobre todos os lugares que visitam e nas viagens que organizam para os seus clientes. A matéria de Arte na Coreia do Sul leva a sua assinatura.



Jornalista de viagem há 17 anos, **Natália Manczyk** já visitou 70 países e divide suas experiências escrevendo para veículos nacionais e internacionais, além de ser idealizadora da plataforma Porta de Embarque. Autora de guias de viagem e professora de jornalismo de viagem na ESPM, ela venceu, em 2023 e 2022, o Prêmio Europa de Comunicação, da European Travel Commission, com o melhor conteúdo sobre a Europa nas redes sociais e a melhor matéria sobre a Europa. É dela a reportagem sobre a Ilha da Madeira, da seção Aventura.



Desbravador eclético, cidadão do mundo. São quase três décadas nas estradas do jornalismo e mais de 60 países nessas jornadas. A vida de **Carlos Marcondes** é rodar o planeta, sempre pronto a desvendar as nuances que envolvem o luxo, a enogastronomia e aventuras singulares. Atualmente, ele vive na Austrália, onde mantém uma conexão intensa com o país. Toda vez que Carlos pensa em diminuir o ritmo das viagens, logo desiste e volta à estrada. Sua experiência de Bem-Estar no Vietnã é o tema da matéria desta edição.



Ida Feldman é múltipla em talentos e em feitos. Destacada pelo trabalho de arte de colagens autorais e pelas frases que assina – já expostas em diversos lugares icônicos de São Paulo e também imortalizadas em uma coleção de objetos de design –, ela é ainda o nome de um prêmio do Festival Mix Brasil, o maior festival LGBTQIAPN+ brasileiro. Pela editora O Sexo da Palavra, Ida criou um jogo e publicou um livro de tarô baseado em suas experiências energéticas e colagens. Nesta edição, é criadora da Arte que ilustra a Crônica de Marcia de Luca.



Pesquisadora, transfeminista e escritora, **Helena Vieira** estudou gestão de políticas públicas na USP e contribuiu com diversos meios de comunicação. Além disso, é dramaturga premiada e pesquisa também “teatro e memória”. Entre as diversas atividades, sempre se destaca como uma voz ativa e sensata sobre temas como direitos humanos, a causa LGBTQIAPN+ e saúde mental, entre outros temas importantes para a sociedade. Helena é a autora da Biblioteca desta edição.



SOB O SOL DE MENDOZA

No coração do deserto argentino, onde reina a Malbec, goles e garfadas narram histórias de sabores, aventuras e contemplações

POR LUCIANA LANCELLOTTI

A sombra dos Andes, Mendoza, no centro-oeste da Argentina, é uma das principais regiões vitivinícolas do Novo Mundo, com 160 mil hectares de vinhedos, cultivados entre 450 e 1.700 m de altitude e responsáveis pela maior parte da produção vinícola do país. Nesse cenário, a principal casta é a Malbec, própria para tintos estruturados e complexos.

GASTRONOMIA

A região se estende além da cidade homônima e abarca sub-regiões vinícolas, como Maipu e Luján de Cuyo. A dica é se hospedar na área urbana se a ideia é ficar próximo a lojas, bares e restaurantes, como o tradicional 1884, na bodega Escorihuela Gascón, guiado pelo mestre das brasas, Francis Mallmann. Já para visitar vinícolas na área rural, com uma experiência gastronômica excepcional, visite a Bodega Lagarde, em Luján de Cuyo, e se jogue em seu restaurante, o Zonda

Cocina de Paisaje, com uma estrela *Michelin* (e outra, a Green Star, também concedida pelo guia francês pelas melhores práticas sustentáveis). A casa extrai ingredientes de seus próprios pomares e hortas orgânicas, além de azeitonas e outras culturas, que ganham vida em menus degustação harmonizados, alguns deles com visitas aos jardins orgânicos e à cozinha.

Outra boa ideia é degustar um assado à moda caseira na Estancia Los Chulengos, no Valle de Uco, além de outros pratos tradicionais (empanadas de carne no forno de barro e trutas, por exemplo) feitos com o uso de fogo e brasa. O lugar também oferece atividades como cavalgada pelo campo, *trekking* e pesca. Melhor ainda: é possível se hospedar na vinícola, em um *loft* a 200 m do *lodge* principal.

DEGUSTAÇÕES

Um roteiro com degustações em vinícolas notáveis pode incluir a Catena Zapata, em Agrelo, com sua

Acima, em sentido horário, o Mitsubishi Eclipse Cross, o Parque Nacional do Aconcágua e a estação de esqui do mesmo parque. Na página ao lado, vinhedos em Mendoza, com os Andes ao fundo

arquitetura em forma de pirâmide asteca, que passou a oferecer almoços harmonizados, e a Terraza de Los Andes, do grupo LVMH, em Luján de Cuyo. Além de refeições, essa última proporciona hospedagem em uma *guest house* com seis quartos e experiências gastronômicas, que começam ao pé da churrasqueira. Também em Agrelo fica outro espaço bem interessante, e também um dos mais recentes da região: a Susana Balbo Winemaker's House, aberta em 2022. O lugar leva o nome da primeira-dama do vinho argentino, que produz os melhores Torrontés do país na região de Salta, ao norte (vale, claro, degustá-los em Mendoza). Além de oferecer degustações e almoços, Susana Balbo recebe hóspedes, que se acomodam em suas sete suítes spa.

AVENTURA

Apesar da essência vinícola, Mendoza é um destino de alma polivalente, com aventuras o ano todo. No verão, é ideal para esportes como *rafting*, tirolesa, rapel, parapente, *trekking*, *mountain bike* e cavalgadas, além de passeios em veículos 4x4. Quando o inverno cobre de branco os picos locais, é hora de aproveitar descidas mais eufóricas em estações célebres, como Las Leñas e Los Penitentes. A região também conta com pontos de contemplação sublime, caso do Parque General San Martín, na área urbana, onde é possível praticar atividades ao ar livre e apreciar vistas panorâmicas da cidade. E vale escapar até o Parque Provincial de Aconcágua, com terrenos acidentados e majestosos, que abriga o Monte Aconcágua, o pico mais alto da América do Sul.

NA ESTRADA

Ao dirigir em Mendoza, use GPS para localizar vinícolas na área rural, leve sempre água, já que há áreas remotas entre os destinos, e respeite os limites de velocidade e a lei de tolerância zero para o consumo de álcool. Veículos estrangeiros devem portar a Carta Verde, o seguro que cobre acidentes em países do Mercosul e garante uma viagem segura. 📍

mitdrivelines.com.br

FOTOS GETTY E DIVULGAÇÃO

360°

Agriturismo de luxo no Marrocos, um santuário semi-intocado na Indonésia, slow safari entre os super tuskers do Quênia, o hotel do momento em Londres, o primeiro tented camp do Peru, a grande novidade da hotelaria de Munique e uma imersão selvagem no Zimbábue

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360°

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas

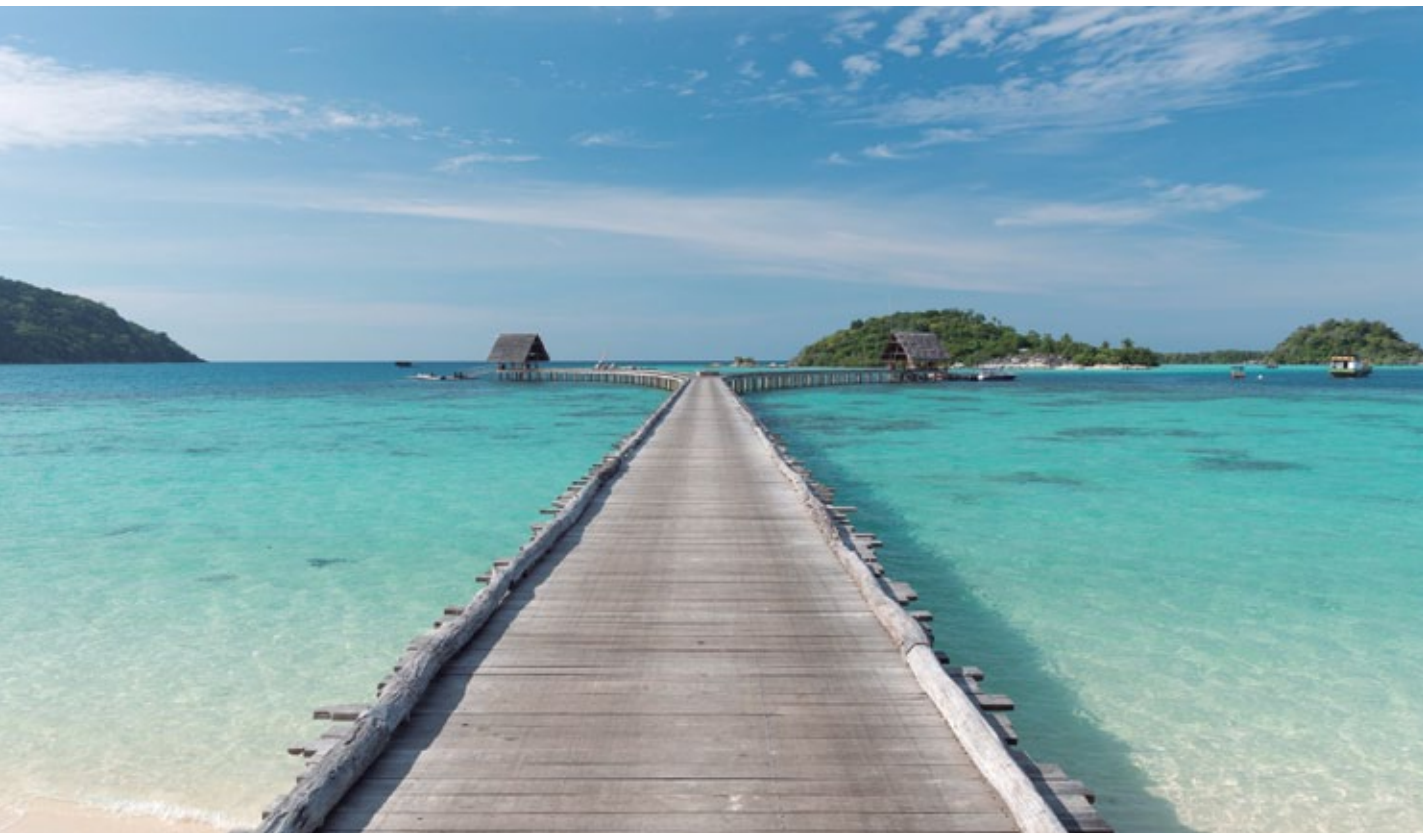


FARASHA FARMHOUSE

A antiga casa do pintor francês Pierre Arnaud era um refúgio idílico, longe dos sons, aromas e agitos do centro de Marrakesh, onde o artista buscava inspiração para as suas telas. A propriedade rural continua com as mesmas cores e o mesmo clima aprazível, com paredes ocre e ladeadas por 450 oliveiras. Mas agora, em vez de inspiração artística, ela propõe uma experiência rústica de agriturismo em pleno Marrocos. A 40 minutos do centro da cidade, a Farasha Farmhouse teve sua estrutura original projetada como um *riad*, centrada em um pátio aberto com um telhado em cúpula. Depois de ter sua estrutura totalmente revigorada, três amplas suítes foram instaladas na casa principal, além de uma anexa. A chamada “casa de pastor” também foi incorporada para receber visitantes dispostos a uma temporada do mais puro charme – seis novos quartos devem ser adicionados até o final de 2024. Móveis *vintage* e peças de designers locais (a exemplo de tecidos feitos à mão da Beni Rugs e cerâmicas da LRNCE) decoram os ambientes. A grande estrela é, no entanto, a piscina original, de 50 m, que se estende entre duas fileiras de oliveiras no centro da propriedade.

farashafarmhouse.com





BAWAH RESERVE

Foi durante umas de suas incursões de barco pelo Sudeste Asiático que o magnata da navegação Tim Hartnoll avistou as seis ilhas que formam o Arquipélago de Anambas, no leste da Indonésia. Entusiasta do meio ambiente, ao adquirir o lugar, ele resolveu fazer dele um santuário de preservação intocado, com a construção da Bawah Reserve. Ali ele espera dividir com hóspedes, conscientes, a exuberância dos 815 acres que formam a propriedade, onde imperam o tom turquesa do mar e o verde da floresta virgem, 13 praias particulares, três lagoas e a surpreendente diversidade marinha, que compreende mais de 240 espécies de peixes de recifes. O intuito de importunar minimamente a natureza foi levado à risca na construção das 36 habitações, que incluem vilas, bangalôs sobre a água e residências. Toda a estrutura foi erguida usando apenas ferramentas manuais. Os móveis, como luminárias e prateleiras, foram feitos de redes de pesca e madeira flutuante retirada do mar. Os jardins de permacultura fornecem quase 40% das necessidades de frutas e vegetais de Bawah, enquanto outros ingredientes são provenientes principalmente das ilhas vizinhas, de Batam e de outras partes da Indonésia. Biólogos experientes lideram as atividades, como *snorkelings* para a observação de tartarugas e passeios de barco. O Aura Spa tem seus tratamentos baseados em fundamentos indonésios de bem-estar e incluídos na diária.

bawahreserve.com



A Regent Seven Seas Cruises inspira os viajantes de luxo a vivenciar os momentos mais importantes da vida a bordo de uma jornada extraordinária - do mesmo jeito que a equipe de Fórmula 1 Aston Martin Aramco traz alegria aos seus fãs em todo o mundo. Na terra e no mar, as duas companhias buscam excelência e os resultados estão nos detalhes.

MOMENTOS DE PERFEIÇÃO INESQUECÍVEIS

COMECE SUA JORNADA COM TUDO INCLUSO EM RSSC.COM
LIGUE PARA 0800 400 3132 OU CONTATE SEU AGENTE DE VIAGENS



Escaneie o QR code para saber mais sobre a nossa parceria com a equipe de Fórmula 1 Aston Martin Aramco* ou visite rssc.com/aston-martin-aramco





ANGAMA AMBOSELI

Sob a figura longínqua dos picos nevados do Kilimanjaro, o Santuário Kimana, no Quênia, é uma área de conservação comunitária que pertence a 844 famílias locais. A região foi escolhida para abrigar o Angama Amboseli, o segundo *lodge* da marca (o primeiro é o Angama Mara), por se tratar de um lugar ímpar no planeta: a área é um corredor vital para a migração de elefantes entre o Parque Nacional Amboseli (a cerca de 40 minutos do *lodge*) e as Colinas de Chyulu. O conceito de *slow safari* convida os hóspedes a observar essa movimentação sob um panorama único. A região é conhecida pela circulação dos *super tuskers*, elefantes com presas tão gigantes que chegam a tocar o chão. Um espetáculo único. Para se instalar ali, o Angama Amboseli, em parceria com a ONG Big Life Foundation, arrenda terras de agricultores Maasai para proporcionar uma passagem segura aos animais. A estrutura do *camp*, claro, é toda inspirada pelo enorme mamífero, com dez tendas voltadas para o Kilimanjaro, serviço elegante e propostas de interação com a natureza por meio de safáris na reserva ou no parque. angama.com



NOVOS BMW iX2 E X2.



TRANSCENDA A REALIDADE.

Paz no trânsito começa por você.





GRAND HOTEL BELLEVUE LONDON

A simpática e atraente Norfolk Square é endereço de um dos “hotéis sensação” de Londres no momento. Isso porque o Grand Hotel Bellevue London tem seu projeto assinado pelo renomado designer francês Fabrizio Casiraghi (atualmente à frente do esperado Four Seasons Cidade do Vaticano) e é a primeira propriedade britânica do grupo hoteleiro francês Lignée Hotels. O sotaque gaulês é, aliás, inegável: além da propriedade e do nome, tem a maioria de seus funcionários franceses, além de um bar abastecido com vinhos de um castelo do Vale do Loire. Há também um café da manhã continental clássico, servido no café francês do subsolo. Basta olhar o edifício histórico, em estilo vitoriano, para lembrar que você está em Londres, no coração da movimentada Paddington, em uma autêntica *townhouse*. A decoração mescla elementos e design clássicos e cores ousadas, o que confere um ar todo especial. O toque *vintage* encontra uma abordagem mais contemporânea nos 60 quartos do hotel, que conta ainda com o charmoso Pondicherry Bar, que tem ares de clube privativo.

grandhotelbellevuelondon.com



DISCOVER
AUTHENTIC
BEAUTY

NAVEGUE CONOSCO PARA
MAIS DE 900 DESTINOS

Embarque em uma viagem mágica a bordo do Silver Nova, explorando o Sudeste Asiático durante 14 dias de pura aventura. Deixe-se encantar pelo charme de Koh Samui e a energia vibrante de Bangkok. Em seguida, descubra o agito da Cidade de Ho Chi Minh e recupere as energias em um dia de relaxamento no mar. Aprecie o exotismo de Chan May e maravilhe-se com a beleza incomparável da Baía de Ha Long. Embarque neste cruzeiro único e celebre o Carnaval 2025 com uma experiência inesquecível!

Silver Nova

Saída: 24/02/2024

Duração: 14 Dias

- Capacidade de 728 hóspedes
- Excursões terrestres incluídas
- 10 opções de restaurantes
- Lounges, Spa, Fitness Centre e piscina.

Itinerário

De Singapura à Hong Kong, visitando Tailândia e Vietnã, como: Koh Samui, Bangkok, Ho Chi Minh, Chan May e Ha Long Bay,



Saiba mais em silversea.com



HARLEY-DAVIDSON

UM ÍCONE DE LIBERDADE
DESDE 1903



PAZ NO TRÂNSITO COMEÇA POR VOCÊ.



PRODUZIDO
NO POLO INDUSTRIAL
DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZÔNIA



O impressionante Vale de Colca, marcado pelo cânion de mesmo nome, parece um lugar perdido no tempo. O legado inca persevera em costumes, na agricultura e na energia do lugar. Esse é o cenário do primeiro *tented camp* do Peru, no mesmo estilo dos *camps* africanos, mas dessa vez sob o olhar atento dos condores-dos-andes e de alpacas, em vez dos animais da savana. O Puqio foi inspirado pela beleza simples e crua da paisagem que o circunda e pela exploração do pitoresco vale. As espaçosas tendas de lona encobrem uma estrutura elegante e charmosa, com terraço, banheira ao ar livre e fogão à lenha. Há também acomodações feitas de adobe, cujo apelo rústico as torna fascinantes e em total sintonia com o ambiente. Caminhadas, passeios de bicicleta, interações com artesãs para aprender a arte da tecelagem e incursões fotográficas figuram entre as atividades possíveis, sempre guiadas de forma personalizada. Outras experiências incluem visitas a comunidades e mercados próximos, passeios de observação de aves, com o possível avistamento de condores, spa e passeios a cavalo.

puqio.pe



IT'S
MORE
THAN A
feeling



O calor humano da dedicada equipe
A empolgação ao chegar em um destino novo pela primeira vez
A alegria de celebrar a vida com gastronomia sofisticada

São experiências únicas que vão durar toda uma vida.

VISITE OCEANIACRUISES.COM | LIGUE PARA 0800 400 3130
OU CONTATE SEU AGENTE DE VIAGENS

SAIBA MAIS



CULINÁRIA PRIMOROSA E REQUINTADA.
EXPERIÊNCIAS DE VIAGEM SELECIONADAS.
NAVIOS ACONCHEGANTES E LUXUOSOS.

OCEANIA
CRUISES®
YOUR WORLD. YOUR WAY.®



 **ROSEWOOD MUNICH**

O compromisso em manter o caráter histórico das propriedades que ocupa é um dos traços mais importantes do grupo Rosewood. No recente empreendimento da cidade de Munique, não foi diferente. O hotel compreende dois edifícios marcantes para a cidade alemã, o Palais Neuhaus-Preysing, uma residência aristocrática de 1703, e a antiga sede do Banco da Baviera, construída em 1894 a apenas dez minutos da Marienplatz, no coração de Munique. Embora a fachada imponente, com esculturas feitas de calcário bávaro, tenha sido mantida, o interior foi completamente reformulado, transformando o hotel no novo *hotspot* da cidade, que há pelo menos uma década não tinha um empreendimento de luxo como novidade. Os ambientes são convidativos, com pátios internos e externos, além dos já hupados restaurantes Brasserie Cuvillies e Wintergarten e do bar Montez, onde noites de jazz acontecem até altas horas. Honrando o compromisso do grupo Rosewood com a sustentabilidade, o hotel procura trabalhar apenas com fornecedores que estejam no máximo a 200 km de distância, além de apostar na compostagem dos resíduos.

rosewoodhotels.com



 **BMW
MOTORRAD**

**BMW
F 900** 



**À PROCURA DE
NOVOS DESAFIOS**
**NOVO MOTOR COM 90 CV E
APENAS 219 KG**

MAKE LIFE A RIDE

**ESCANEIE
E SAIBA MAIS**



Uma ilha de paz

Anguilla, no Caribe, é um refúgio para turistas que buscam dias de calma e bem-estar em alguns dos melhores spas do mundo

Assim como uma pérola rara, esperando para ser descoberta, Anguilla é um refúgio de tranquilidade e beleza, com suas areias brancas e mar azul-turquesa. Reconhecida por seu charme, a ilha oferece um cenário paradisíaco, que cativa os visitantes à primeira vista.

Parte das Antilhas Britânicas, ou British West Indies, o lugar é uma ilha pequena, com apenas 15 mil habitantes, espalhados por 25 km de extensão, que podem ser percorridos em cerca de 40 minutos de carro. Essa dimensão, no entanto, não diminui a experiência que o lugar oferece.

Com 33 praias, essa pérola caribenha é considerada uma das dez melhores ilhas para se desfrutar. A praia de Shoal Bay, em particular, destaca-se como a joia da coroa, famosa por sua beleza incomparável e águas cristalinas. Shoal Bay East é uma das praias mais conhecidas, com sua longa faixa de areia

branca, adornada por palmeiras. Já Rendezvous Bay também é famosa por sua culinária e as águas mornas. Meads Bay, por sua vez, é um dos destinos mais procurados, abrigando hotéis renomados, como o Four Seasons, o Malliouhana e o Frangipani.

Na contramão de destinos turísticos que sofrem com o *overtourism*, Anguilla se destaca pela preservação de sua exclusividade – navios de cruzeiro não podem atracar por ali. Ela abriga alguns dos melhores spas de luxo do mundo, ideais para quem busca tratamentos exclusivos e inovadores, baseados em técnicas ancestrais e produtos naturais locais.

O Thai House Spa, por exemplo, oferece uma experiência única em uma casa tailandesa de 300 anos, transportada da Tailândia para o Caribe na década de 1980 e restaurada no local. Seus tratamentos, enriquecidos com incensos, óleos essenciais e soros terapêuticos, são uma verdadeira jornada sensorial.



Anguilla é uma das joias caribenhas com visual de tirar o fôlego, com resorts e spas do mais alto nível

No Sorana Spa, do Aurora Anguilla Resort & Golf Club, os visitantes encontram tratamentos projetados para harmonizar corpo, mente e alma. O Arawak Spa, do Belmond Cap Juluca, localizado na praia de Maundays Bay, combina tradições de cura antigas com produtos locais, oferecendo tratamentos tanto nas instalações do spa quanto no conforto das suítes.

O Four Seasons Anguilla completa essa seleção de alto padrão com um spa à beira-mar, onde é possível relaxar com tratamentos como o Ritual do Duplo Arco-Íris, em que dois terapeutas aplicam técnicas simultaneamente, e a massagem Tranquilidade Azul, focada no relaxamento profundo.

Chegar lá a partir do Brasil exige conexões, já que não há voos diretos. A rota mais prática é via Miami, de onde há voos diretos para o Aeroporto Clayton J. Lloyd (AXA), em Anguilla. Outra alternativa é via Panamá. A ilha recebe os visitantes com um clima tropical, com temperaturas variando entre 25 e 30 °C durante a maior parte do ano.

Para além da paz no corpo e na mente, Anguilla oferece muitas atividades no mar, como kitesurfe, *snorkeling* e windsurfe. Também é possível visitar ilhas vizinhas, nadar com golfinhos, viajar em cruzeiros e de barco. Esse santuário caribenho une belezas naturais e exclusividade como poucos lugares do mundo. Vale o carimbo no seu passaporte. 📍

@visiteanguilla



 **MOLORI MASHUMA**

Basta sentar no deque privativo de sua tenda e esperar. Em total segurança é possível observar a natureza seguir seu curso: famílias de elefantes se aproximam para tomar água, enormes hipopótamos descansam sob o sol e impalas, gnus e outros animais circulam despreocupados à margem do Mashuma Pan (um bebedouro rico em vida selvagem, no coração do Parque Nacional Mana Pools) e nas imediações do impressionante Molori Mashuma, um *lodge* que, embora recente, já se destaca no Zimbábue. Concebido para se fundir com a paisagem densa da floresta que o circunda, é formado por apenas seis tendas – na verdade, verdadeiros santuários, que exaltam o melhor da cultura africana em detalhes de decoração e também na fusão com o ambiente, já que os sons e as vistas panorâmicas são parte da experiência oferecida.

Embora a vida selvagem venha até o hóspede no Molori Mashuma, não há como abrir mão dos safáris pelo parque, que é especialmente famoso por seus abundantes rebanhos de elefantes e também pela maior população de hipopótamos e crocodilos do país. Durante os safáris, sempre guiados por um sorridente *ranger* – o serviço alegre e cordial é a marca do lugar –, todos têm a oportunidade de visitar três áreas principais para a observação da vida selvagem: a zona ribeirinha, as lagoas e as áreas atrás das bacias. Cada uma delas tem seu próprio ecossistema e oferece uma perspectiva diferente sobre a incrível vida selvagem do parque.

roraprivatecollection.com



UNQUIET APRESENTA

EMERALD[®]
CRUISES 

Descobertas pelo mar

A Emerald Cruises desvenda o Caribe para quem busca experiências exclusivas

A navegação pelos mares chegou a outro nível. Pelo menos para os viajantes que escolhem a Emerald Cruises. A companhia trabalha com os superiates *Emerald Azzurra* e *Emerald Sakara*, com roteiros pelos quatro cantos do planeta.

Com capacidade para apenas 100 passageiros, as embarcações proporcionam uma experiência personalizada, muito semelhante à dos iates privados. Para ter uma ideia, 88% das cabines têm varandas exclusivas. Tal qual um verdadeiro *resort* dos mares, os navios oferecem alta gastronomia, piscina com borda infinita, spa, sauna com luz infravermelha, centro *fitness* e plataforma para esportes aquáticos.

O Caribe é um dos destinos dos iates da Emerald Cruises. A companhia oferece viagens pela região com muitas vantagens, até porque os seus iates podem atracar em marinas exclusivas, mais próximas a centros urbanos. Está aí uma grande oportunidade de imersão em cada uma das localidades. Até o fim do ano, a empresa oferece oito roteiros na região. Entre eles, Amu-

letos Ocultos do Caribe. Nele o viajante aproveita oito dias entre San Juan e St. John, descobrindo o mar azul de Culebra, pertencente a Porto Rico, as cidades costeiras na Ilha de Vieques e a Baía de Cruz. Vida marinha exuberante e destinos descontraídos são alguns dos atrativos desses lugares, que não são tão conhecidos por fãs das ilhas caribenhas.

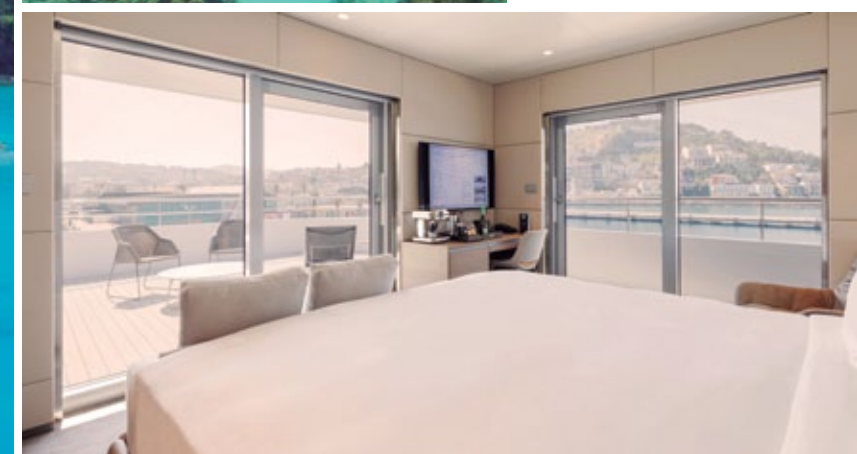
Além do Caribe, a Emerald apresenta experiências no Mediterrâneo, Mar Adriático, Mar Vermelho e América Central. É possível explorar ainda ilhas gregas, Itália, Riviera Francesa, Turquia, Egito e Jordânia. Em 2025, as Ilhas Seychelles entram na lista. As novidades não param por aí: o novo iate da empresa, o *Emerald Kaia*, irá fazer sua estreia em 2026. Trata-se de uma embarcação para 128 passageiros, com Observation Sun Deck e até um espaço para ioga ao ar livre.

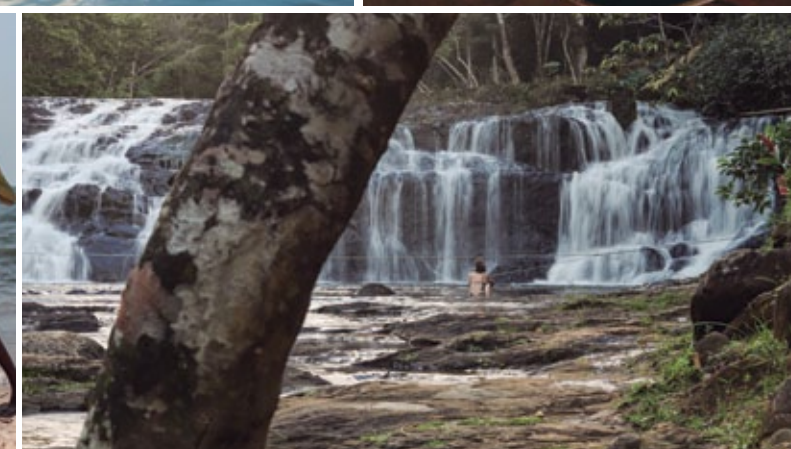
Vale lembrar que no Brasil a porta de entrada da Emerald Cruises é a Velle Representações. Todos a bordo! 

Reservas e informações: info@vella.tur.br



Os superiates da Emerald Cruises podem atracar em marinas exclusivas, oferecem varandas privativas e possibilitam esportes aquáticos





Alto-astral à beira-mar

O Barracuda Hotel & Villas recebe com sofisticação e bom gosto em Itacaré, sempre enaltecendo sua comunidade através de ações sustentáveis

POR CORINNA SAGESSER

Praia, coqueiros, mata atlântica, sol, água de coco e o alto-astral baiano. Assim começaram nossos dias de *dolce far niente* em Itacaré, sul da Bahia, na chamada Costa do Cacau. A chegada foi por Ilhéus e, ainda na estrada, pudemos começar a admirar a beleza das praias.

Depois de uma hora e meia, chegamos ao Barracuda Hotel & Villas, uma propriedade com 26 hectares em meio à natureza. O Barracuda começou a ser idealizado pela paulistana Juliana Ghiotto e seu marido, Daniel Lima, um surfista nativo, juntamente com amigos suecos, em 2004. A ideia era criar um refúgio natural focado na preservação do meio ambiente e nas tradições da comunidade local.

O hotel tem 17 suítes e sete vilas, com decoração minimalista, peças de designers brasileiros e artesanato de diversas comunidades da região – tudo muito caprichado e de muito bom gosto. O Barracuda

oferece também aulas de ioga, meditação, *mountain bike*, *stand-up paddle*, passeios por fazendas de cacau e tênis na quadra da propriedade.

Fiquei hospedada numa vila com uma vista maravilhosa do mar, bem espaçosa, com quatro suítes. O serviço é muito atencioso e os almoços são regados com o melhor da culinária baiana.

Nossa primeira aventura foi subir o Rio das Contas a bordo de uma escuna, até chegarmos a uma região de mangue, de onde seguimos remando em nossos *stand-ups* até o início de uma trilha que nos levaria a um banho de cachoeira em meio à intocada mata nativa.

Na volta, paramos na beira do rio para um delicioso almoço: peixe na grelha e legumes da horta local, entre bate-papos e conversas com os guias do hotel. Terminamos com uma tapioca de doce de leite. Inesquecível. Para finalizar o dia com chave de ouro,

Acima, em sentido horário, escuna que navega pelo Rio das Contas, atleta pratica canoagem no mesmo rio, lagostas fresquíssimas na grelha, uma das muitas cachoeiras da região e crianças do Projeto Surfando para o Futuro, apoiado pelo hotel. Na página ao lado, vista aérea do Barracuda

assistimos a um pôr de sol laranja, enquanto navegávamos pelo rio até a praia da cidade.

Depois desse dia especial, mais um presente: uma deliciosa massagem com um óleo extravirgem vegetal, feito pelo Instituto Yandê, que me fez dormir como um anjo. Como Itacaré tem inúmeras praias com ondas, aproveitamos o segundo dia para aulas de surfe. Também fizemos uma caminhada por uma floresta repleta de palmeiras e árvores nativas, até chegarmos à Praia do Engenho. Lá a diversão foi garantida.

Na volta, almoçamos uma deliciosa moqueca de camarão e fomos para o deque, descansar. De repente, na frente da nossa vila, avistamos um grupo de baleias!

A gastronomia do Barracuda é incrível e, em uma das noites, fomos brindados com um festival de lagostas na grelha, acompanhadas de um delicioso vinho branco. Nosso último dia foi de caminhada pelas praias da região, terminando com um jantar maravilhoso no deque, onde fica o restaurante do hotel.

O Barracuda tem como um dos pilares a sustentabilidade, e entre eles está o Instituto Yandê, uma associação sem fins lucrativos com foco em ações educativas, como o Nossa Praia + Limpa e o Rumo ao Lixo Zero, e um programa de incubação social. Eles também apoiam dois esportes – o jiu-jítsu e a canoagem –, incentivando jovens e crianças da comunidade à sua prática, além de cursos de percussão feminina e modelagem, corte e costura. Um exemplo em turismo responsável que coloca a comunidade e a natureza em primeiro lugar.

Foram poucos dias para as inúmeras atividades e experiências que o Barracuda oferece aos hóspedes. A vontade é de voltar logo! 📍

thebarracuda.com.br
institutoyandecare.org

48 HORAS

A Joia da Coroa

Histórica, elegante e cultural, Haia é o destino ideal para vivenciar a mais autêntica identidade neerlandesa

POR ERIK SADAQ



Em sentido horário, uma das salas do Museu Escher, a obra *Moça com Brinco de Pérola*, parte da coleção do Mauritshuis, o parque em miniatura Madurodam e a fachada florida do Palácio Internacional da Paz. Na página ao lado, vista da animada Scheveningen

Sede do governo neerlandês e residência oficial da família real Orange, Haia é um destino fascinante para escapadas repletas de cultura, gastronomia, compras e diversão. A capital não oficial dos Países Baixos é uma mistura perfeita da rica história da Era de Ouro com a vibração cosmopolita dos grandes centros.

Algumas das maiores joias arquitetônicas erigidas ao longo dos séculos, como o Parlamento Neerlandês, o mais antigo em funcionamento na Europa, e o museu Mauritshuis, o antigo palácio de Maurício de Nassau e hoje o lar da *Moça com Brinco de Pérola*, de Vermeer, dividem espaço com modernos edifícios de ministérios e embaixadas, assinados por arquitetos celebrados, como Tadao Ando.

Além do Mauritshuis, o Kunstmuseum, com o maior acervo de Mondrian do planeta, e o Mu-

seu Escher, dedicado ao mais famoso gravurista do século 20, são paradas obrigatórias para todo viajante *artsy*. O Palácio Internacional da Paz, sede da Corte Internacional de Justiça, reforça a importância da cidade como um centro cultural e diplomático.

MUSEU ESCHER

Conhecido por suas litografias e gravuras que exploram ilusões de ótica e transformações geométricas, Maurits Cornelis Escher deixou um legado artístico que continua a fascinar e inspirar os visitantes. O estilo clássico do Palácio Lange Voorhout, onde está instalado o museu, com interiores elegantes, oferece um cenário interessante para a exibição de obras do artista, com um diálogo entre o antigo e o moderno, o real e o imaginário.

PALÁCIO INTERNACIONAL DA PAZ

Ícone mundial da justiça e da diplomacia, a Sede da Corte Internacional de Justiça e da Academia de Direito Internacional de Haia simboliza o compromisso global com a resolução pacífica de conflitos. Inaugurado em 1913, o edifício foi projetado pelo arquiteto francês Louis M. Cordonnier e financiado por uma doação do filantropo norte-americano Andrew Carnegie. O palácio é conhecido por sua impressionante arquitetura neorrenascentista e seus belos jardins. Os singelos monumentos à Segunda Guerra e a chama eterna da paz, decorada com pedras de todas as nações que compõem a ONU, complementam o cenário.

MADURODAM

Esse parque em miniatura, para visitantes de todas as idades, exibe réplicas detalhadas de marcos neerlandeses e de suas principais cidades, a complexa fundação de canais, os moinhos de vento e

até uma cópia do aeroporto de Schiphol.

LEGOLAND DISCOVERY CENTRE

Quem viaja com crianças não deve deixar de visitar a Legoland do país, onde os pequenos – e, claro, os adultos – se divertem com as incríveis construções de Lego. O parque oferece várias atrações, incluindo passeios temáticos, áreas de construção criativa e uma miniatura detalhada de Haia, feita inteiramente com os famosos cubos coloridos.

PRAIA DE SCHEVENINGEN

No agitado calçadão, há um mirante com a famosa obra de arte *Celestial Vault*, de James Turrell, com vistas deslumbrantes do Mar do Norte. Scheveningen também é conhecida por suas atividades ao ar livre, como kitesurfe e passeios de bicicleta ao longo da costa. Era um dos lugares preferidos de Van Gogh em sua passagem por Haia.



UNQUIET APRESENTA

teresa perez
VOCÊ SE DESCOBRE NO MUNDO

Viagens exclusivas

A Teresa Perez apresenta as Private Expeditions by Latitudes

Agora você também pode ter acesso à forma mais exclusiva de conhecer o mundo com a Teresa Perez. Organizadas por brasileiros para brasileiros, com roteiros 100% autorais, as Private Expeditions by Latitudes proporcionam o que há de mais especial em viagens.

Com todos os serviços privativos para os seus grupos, essas viagens contam com uma série de facilidades e comodidades. A presença de dois especialistas, responsáveis por oferecer aulas relacionadas aos destinos visitados, eleva a experiência de aprendizado ao longo do percurso, com o conforto e a segurança a cargo dos melhores hotéis em cada destino, passeios, atividades e eventos exclusivos, chef a bordo, a companhia de um médico em tempo integral e uma equipe experiente, que conhece a fundo as preferências dos brasileiros.

Em abril de 2025, a Private Jet Expedition Around Africa vai decolar rumo a sete países africanos a bordo de um Boeing 757-200 privativo, configurado internamente com 46 poltronas em classe executiva. O avião sairá do Brasil em direção a Senegal, Benim, Zâmbia, Moçambique, Madagascar, Ruanda

e Tunísia. Uma viagem de 21 dias, repleta de belezas naturais e conhecimento, que apresentará com profundidade o contexto histórico desses países, apresentados sob as lentes do futuro.

Já em setembro do mesmo ano, a Private Train Expedition Balcãs irá conduzir viajantes brasileiros por trilhos entre Istambul (Turquia) e Zurique (Suíça), passando por Bulgária, Macedônia do Norte, Kosovo, Sérvia, Bósnia e Herzegovina, Croácia, Eslovênia e Áustria. Todo esse percurso feito a bordo do confortável trem de luxo Golden Eagle Danube Express, com especialistas, chef e médico a bordo, além de diversas outras comodidades. A viagem, com a duração de 21 dias, alterna noites a bordo do trem e noites em hotéis em algumas cidades, oferecendo uma experiência completa e absolutamente confortável.

A parceria estratégica entre a Latitudes Viagens de Conhecimento (uma produtora paulista, pioneira na produção de viagens de conhecimento há 21 anos) e a Teresa Perez (agência de viagens e uma referência nacional de turismo de luxo) tem como objetivo ampliar a oferta das empresas, com a criação de novos produtos de luxo para o mercado de turismo brasileiro. 📍

COMPRAS

As galerias do centro, entre as ruas Hoogstraat e Noordeinde, competem em beleza com as de Bruxelas. Como convém a uma cidade com raízes diplomáticas e políticas, elas são repletas de boutiques e lojas elegantes. A The Passage, a mais antiga do país, tem arquitetura vitoriana e uma seleção de lojas e restaurantes famosos.

CAFÉS E RESTAURANTES

Ao longo das ruas Frederikstraat e Denneweg, há muitos estabelecimentos com mesas na calçada, ideais para apreciar a atmosfera tranquila e sofisticada da região. O Wox e o Zheng são os meus preferidos pela fusão de culinária asiática e ingredientes locais. O 6&24, o Elea e o De Basiliek são ótimas pedidas para quem quer experimentar o lado mais moderninho da cidade.

FICAR

O Hotel des Indes é a melhor opção de acomodação. Localizado no coração de Haia, ele tem uma aura histórica e um excelente serviço. Seu restaurante indonésio é considerado o melhor do país. Os quartos contam a história da Cia. das Índias Orientais, com muitas obras de arte e porcelanas, que servem até de numeração dos quartos.

Com sua rica mistura de história, arte, gastronomia, compras e diversão para viajantes solo, casais ou famílias, Haia é o destino perfeito para quem busca uma experiência autêntica nos Países Baixos. 📍

Em sentido horário, ambiente do Hotel des Indes, a galeria de lojas The Passage e mesas do De Basiliek

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



Em sentido horário, trem utilizado pelos viajantes na Áustria, a Igreja Saint Martin na Eslovênia, gorilas em Ruanda e avião da Latitudes



Para mais informações acesse o QR Code:



UNQUIET



Lagos de Delft:
clima
perfeito

*para a proliferação
de bactérias perigosas
conhecidas como
“algas verde-azuladas”,
que se multiplicam
com as águas
cada vez mais quentes.*

FESTIVAIS



A magia do jazz

A edição 2024 do North Sea Jazz Festival celebrou o estilo musical com carisma e diversidade

POR ERIK SADAQ

O North Sea Jazz Festival, um dos eventos mais aguardados do ano, retornou a Rotterdam em julho, trazendo uma experiência sensorial para os amantes do jazz, da música e das artes. Esse pequeno festival ocorre na vibrante e moderna cidade portuária dos Países Baixos e celebra a diversidade e a riqueza do jazz, reunindo lendas do gênero e talentos emergentes em um ambiente cheio de energia e criatividade.

O *line-up* é sempre espetacular, e este ano não foi diferente. O festival, que faz dobradinha com o Mon-

treux Jazz – acontecendo quase simultaneamente –, trouxe para o norte da Europa as maiores atrações que também se apresentam no famoso festival suíço. Entre os destaques estavam gigantes do estilo, como Herbie Hancock, cuja maestria ao piano continua a atrair novos públicos, que cativam gente de todas as idades há décadas. Kamasi Washington, com seu saxofone inovador, mais uma vez impressionou, com performances eletrizantes e composições que desafiam os limites do jazz tradicional.



VARIADO E VIBRANTE

Assim como em Montreux, o North Sea Jazz Festival não se limita aos mestres consagrados. Ele abraça uma vasta gama de gêneros musicais, refletindo a evolução contínua do jazz e suas múltiplas influências. Performances de artistas contemporâneos, como Thundercat, com seu estilo único de *fusion jazz* e funk, e a talentosa Jessie Ware, que trouxe uma mistura de pop, R&B e soul, encantaram o público diversificado do evento.

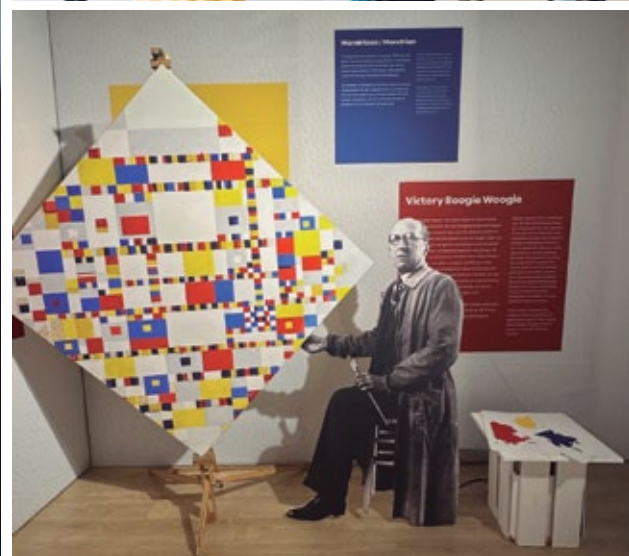
Entre as apresentações que conferi, Jamie Cullum me surpreendeu com seu carisma e sua energia. Pensei que seria um show tranquilo, mas vi o palco se transformar em uma celebração musical com notas de jazz e *hits* ao piano, incluindo *Everlasting Love*, imortalizada na trilha sonora do segundo filme da franquia *Bridget Jones*. A cantora Raye, uma das artistas mais celebradas da geração Z, levantou a plateia com voz e presença de palco potentes, deixando claro por que é uma das estrelas em ascensão na cena musical global.

O Brasil foi muito bem representado também. Marisa Monte trouxe sua MPB conceitual para um show superconcorrido, enquanto Djavan encantou com clássicos da música brasileira, feitos para cantar junto. Outros destaques foram Mahalia, com sua poderosa voz, Joss Stone, com uma atitude soul hipnotizante, André 3000, e seu talento, estilo e energia de palco, e Sting, com um repertório repleto de *hits* atemporais, incluindo as amadas canções do The Police.

O Ahoy Rotterdam, local que hospeda o festival, transformou-se em um verdadeiro templo da música, com múltiplos palcos, que proporcionaram uma experiência tanto intimista quanto grandiosa.



Acima, em sentido horário, Djavan se apresenta no festival, detalhe na decoração evoca o jazz e performances das cantoras Raye e Marisa Monte



A atmosfera era contagiante, permitindo que o público se envolvesse em melodias, improvisações audaciosas e ritmos hipnotizantes, enquanto passeava por espaços meticulosamente criados para lounges, pequenos palcos e muitos restaurantes.

Fãs e músicos interagem em uma série de atividades paralelas, como *workshops*, *masterclasses* e *jam sessions*, incluindo algumas surpresas ao ar livre. Feiras de discos e exposições de arte, com a presença de algumas das melhores galerias do país, completaram o cenário. O Kunstmuseum de Haia instalou no *lounge* principal uma recriação do ateliê de Mondrian, um confesso fã do estilo, com alguns de seus objetos pessoais e uma réplica de *Victory Boogie Woogie*, seu inconfundível último quadro, pintado em Nova York, onde o criador do neoplasticismo passou seus últimos dias, criando formas de simplicidade complexa, enquanto varava as noites dançando *boogie-woogie* e curtindo jazz.

Explorar o Ahoy entre um show e outro foi uma experiência sensorial de muito bom gosto. Uma impressionante gama de champanhe, *oyster* e *caviar bars* dividia o espaço com *food trucks* gourmet, que ofereciam delícias de diversas partes do mundo, incluindo as culinárias argentina, vietnamita, brasileira, indiana, etíope, nepalesa e colombiana, para citar algumas. Um dos *wine bars* se orgulhava de servir alguns ótimos rótulos holandeses, impossíveis de encontrar em outros mercados. Cada detalhe do evento contribuiu para uma imersão completa na cultura dos artistas presentes.

O North Sea Jazz é muito recomendado para fãs de jazz ou para quem aprecia a boa música em ambientes pensados com cuidado. Além da garantia de performances inesquecíveis e da descoberta de novos talentos, é um convite a se perder na magia do jazz, explorando também o paladar e a visão em uma das cidades mais dinâmicas e cosmopolitas da Europa. Já reservei para o próximo ano! 📍

northseajazz.com

Acima, em sentido horário, Joss Stone encanta o público e exposição *pop up* do Kunstmuseum The Hague no festival

@ONCAFARI

ONCAFARI.ORG



RECUPERA PANTANAL

O PANTANAL E O ONCAFARI PRECISAM DE VOCÊ



1,6 milhão de hectares do bioma foi consumido pelos incêndios só em 2024

“Em 13 anos de Onçafari, nunca vi um incêndio dessa proporção. Um impacto gigantesco na fauna e flora pantaneira que ainda não conseguimos calcular. E a época da seca ainda está longe de acabar.”

MARIO HABERFELD
CEO & Fundador do Onçafari

DOE AGORA!

RECUPERAPANTANAL.COM.BR

PIX DO ONCAFARI

CNPJ: 24.030.384/0001-53



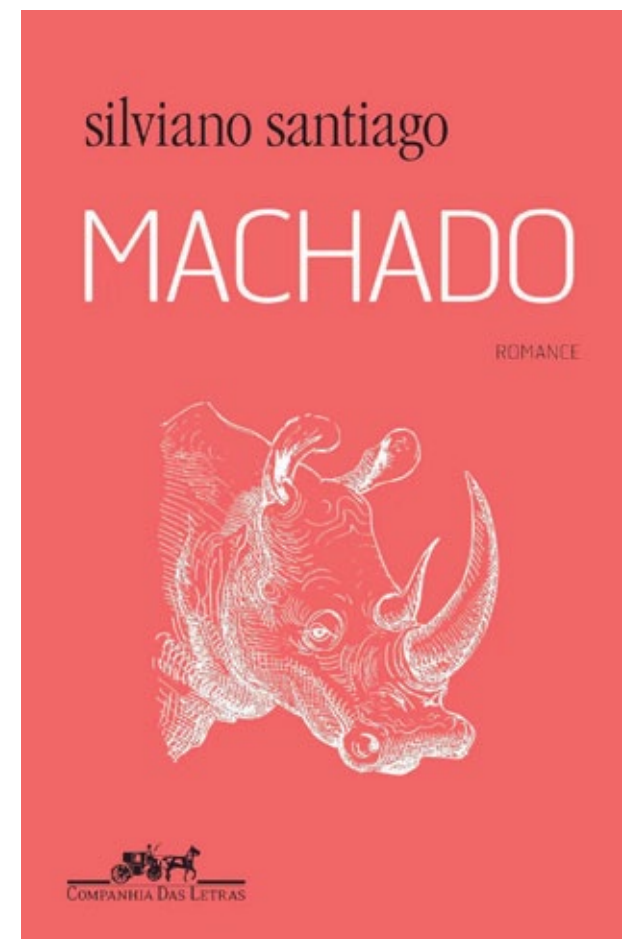
Sobre o existir

Uma curadoria sensível em quatro títulos poderosos

POR HELENA VIEIRA

É sempre um desafio elaborar uma lista de recomendações literárias. É preciso pensar em como as obras podem dialogar com outros gostos, além do meu. O esforço aqui é pelo singular, pelo localizado no tempo, pela diversidade de anseios. Busco contemplar desde os que apreciam curiosidades biográficas até aqueles que amam o conhecimento da literatura como arte e seus pormenores, discussões existenciais, dramas da velhice, da distância e das separações pelas quais inevitavelmente as famílias passam e passarão.

As obras que compõem esta lista são todas muito sensíveis, guardam em comum a gentileza com uma humanidade dura, embrutecida pelo tempo, pela solidão, pela exclusão, pela carestia, pela doença etc., mas que volta a luzir quando tratada com a sensibilidade, a beleza e a afetuosidade da boa prosa.



Machado, romance de Silviano Santiago (Companhia das Letras, 2016), é uma obra que diz respeito aos últimos quatro anos da vida de Machado de Assis. Romance sobre a velhice, não é um relato biográfico fidedigno dos últimos dias de Machado, pois a narrativa confunde os limites entre a ficção e a realidade. É romance, ficção, biografia e tem até mesmo traços biográficos do autor.

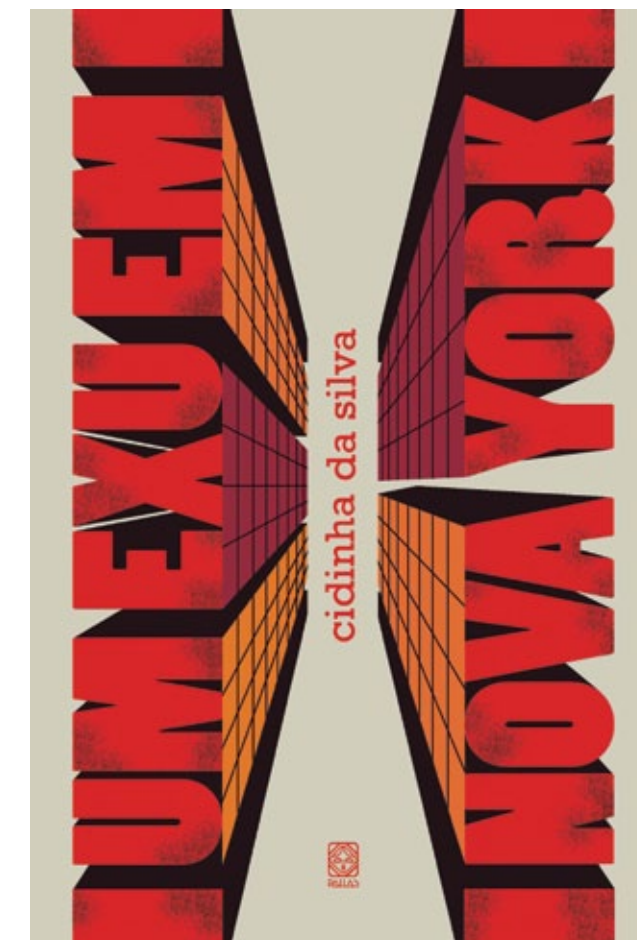
Os últimos anos de Machado de Assis foram marcados pela epilepsia e pela solidão, tendo apenas a presença constante do amigo Mário de Alencar (neto do romancista José de Alencar), as demandas médicas eram frequentes e o escritor foi tratado por importantes nomes da medicina na época, como Miguel Couto e Tomas Cochrane, o introdutor da homeopatia no Brasil.

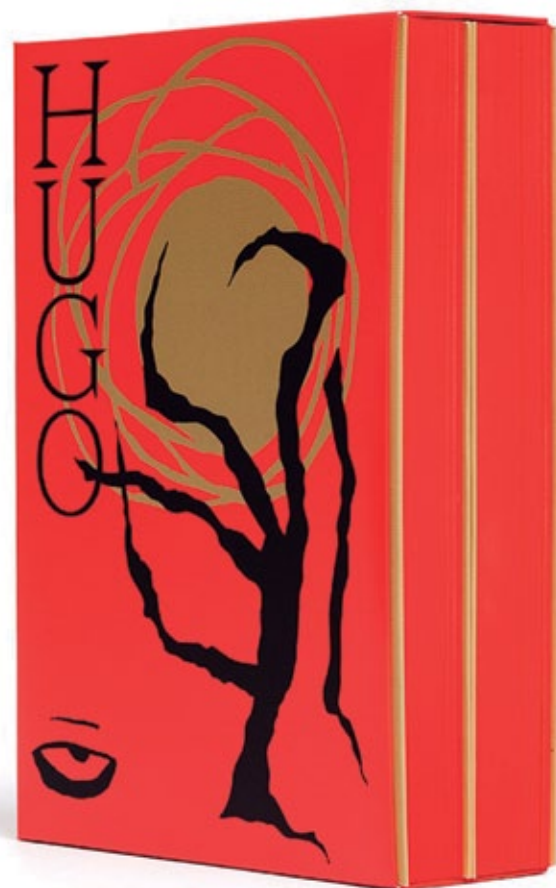
Santiago escreve um texto sensível, que toma cuidado em não abusar da história de Machado ou de sua família (na época o autor escrevia *Memorial de Aires*). Ele nos revela outras dimensões de Machado de Assis. Um Machado mais íntimo, mais vivo, mais introspectivo e muitíssimo humano.

Um Exu em Nova York (Pallas Editora, 2020) é uma coletânea da escritora Cidinha da Silva. Este é o seu primeiro livro de contos, em uma obra que já navegou por diversos gêneros: de crônicas a poesia, sendo o primeiro estilo a presença majoritária em seu trabalho. Já suas incursões na poesia podem ser lidas em *Canções de Amor e Dengo*.

Tomando emprestado o pensamento vivo de Leda Maria Martins, Cidinha nos convida a conhecer as “exuzilhadas”, ideia que conjuga as palavras “exu” e “encruzilhada”, isso porque os exus habitam as encruzilhadas. Exu é uma divindade iorubá, o senhor dos caminhos, das comunicações e das transformações.

Esta obra nos transporta para o interior da cultura afro-brasileira com toda a sua riqueza e potência. São “afrografias”, modos de contar que preservam a ancestralidade africana, suas palavras, temporalidades e cosmovisões. É uma obra em movimento, ambientada em muitos lugares: o terreiro, a cidade, a encruzilhada, Nova York, e que se move também entre o sagrado e o cotidiano.





Hugo de Carvalho Ramos - Obra Reunida, de Hugo de Carvalho Ramos (Editora Ercolano, 2024), é uma preciosidade para os amantes e curiosos da literatura brasileira. O autor é um regionalista goiano, nascido no final do século XIX, cujo sucesso e reconhecimento literários estão vinculados ao seu livro de contos *Tropas e Boiadas*, que influenciou nomes como Guimarães Rosa. Apesar disso, a obra de Hugo é pouco conhecida.

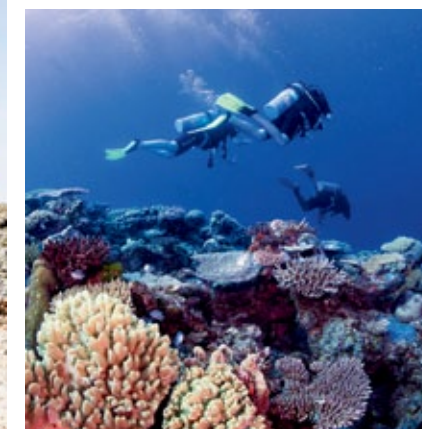
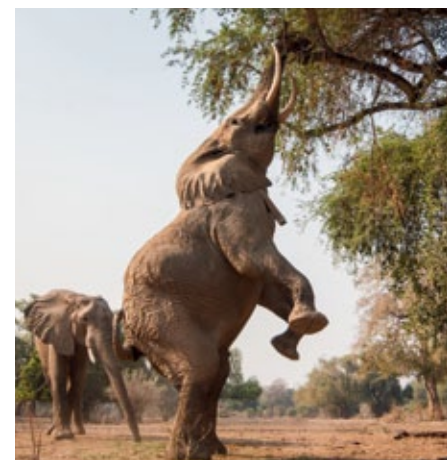
Trata-se de uma coletânea que revela a alma de um Brasil em constante mudança. O autor possui um lirismo e uma perspicácia muito particulares, o que torna a leitura prazerosa e faz do tomo *Escritos Esparsos*, componente destas *Obras Reunidas*, um portal através do tempo e da história brasileiros.

O livro ainda é composto de textos de crítica e jornalismo, pelos quais conhecemos um Hugo que escreve sobre tudo: desde temas rurais até sobre futebol, política e questões existenciais e filosóficas. Compõem também a obra *Cartas do Autor*, que traduzem muitos de seus demônios e angústias, devido à recusa em aceitar a própria homossexualidade.

Uma Viagem Solitária: a Trajetória Pioneira de um Transexual em Busca de Reconhecimento e Liberdade (Editora LeYa, 2019), de João W. Nery, é a autobiografia do primeiro homem trans a se submeter à cirurgia de redesignação sexual no Brasil.

É um texto muito corajoso. Nery compartilha conosco as angústias de uma vida em busca de liberdade e os caminhos de sua vida antes da transição e da cirurgia. Ele conta relatos sensíveis das pessoas que conheceu, e com as quais travou diálogos e manteve encontros. É a história de uma vida, que aproxima o leitor das dores e delícias de sua jornada. Um livro belíssimo, emocionante e revelador do fato de que não há nada mais complexo que a dureza do existir.

Quero destacar que todos os autores que recomendei são LGBT, mas escrevem sobre temas diversos. Espero que os textos sejam para você tão agradáveis e emocionantes quanto são para mim. 📍



UNQUIET

Stay alive.
Be UNQUIET.



Quer receber dicas para sua próxima viagem toda semana?

Assine nossa newsletter pelo QR code:





Uma comunidade responsável

A Ilha de Boipeba faz a conexão perfeita do substantivo “paraíso” ao adjetivo “consciente”

POR CAROLINA SAGESSER RODRIGUES

Ancestralidade é a grande protetora da Ilha de Boipeba. Situada na Bahia, entre Salvador e a encantadora Península de Maraú, ela possui uma história indígena secular. Seu povo nunca a abandonou. Pelo contrário, fez e faz de tudo para proteger suas verdadeiras raízes. Com um meio ambiente intocado, pessoas conectadas com seus costumes e tradições e um turismo organizado, a ilha é um exemplo raro e inspirador de como o desenvolvimento turístico pode coexistir harmoniosamente com a preservação ambiental e o bem-estar comunitário.

Aqui a terra pode respirar. Segundo Felipe Beltrame, fotógrafo e realizador do documentário *Um Cochicho à Resistência*, “quilombolas e pescadores souberam cuidar do território com tradições maravilhosas, que respeitam e promovem a comunhão com a natureza”. O tratamento nobre da terra e das águas são como extensões de seus corpos, o que garante a pesca, a mariscagem e as colheitas, e que é passado de geração em geração. Categorizada como uma biosfera, Boipeba concentra áreas preservadas de mata atlântica, restingas e manguezais importantíssimos para o equilíbrio do planeta. A ONG Salve Boipeba também apoia e dá suporte às causas ambientais.

Acima, área de manguezal preservada entre Moreré e Bainema, na Ilha de Boipeba



Nesta página, cenas das atividades do projeto social Viva Moreré, que capacita jovens e adultos

As práticas culturais também são perpetuadas. Duas associações quilombolas, a Aquimomo e a Associação Quilombola de Boipeba, lutam para garantir seus direitos e assegurar suas tradições. Segundo Murilo, forasteiro de Boipeba: “A cultura da ilha é farta: bumba meu boi, zambiapunga, capoeira, festejos do padroeiro da ilha, que é o Divino Espírito Santo, festejos do Dia de Iemanjá. E hoje temos também o Flipeba, que é uma feira literária, que está crescendo cada vez mais”.

O povo continua autêntico, mesmo com o aumento de visitantes. O turismo já é hoje a maior economia da ilha, porém ele é atento, coletivo e reduzido. Com consciência e participação ativa dos moradores, os passeios têm preços tabelados e são fiscalizados, os quadriciclos não podem entrar nos povoados, o lixo é reciclado, os corais são respeitados e os visitantes são convidados a se envolver com as práticas sustentáveis.

A educação e a união são o futuro da ilha. Murilo

enxerga que “ela tem um povo unido para as causas sociais. Quando o petróleo atingiu a costa do Nordeste, vi muitas pessoas ajudando a retirar o óleo”. A possibilidade da construção de um complexo de luxo também uniu grande parte dos moradores da ilha para debater o assunto e não deixar o turismo predatório engolir o território. E a educação é passada adiante, juntamente com projetos como os da ONG Vivá Moreré, com cursos de capacitação para jovens e adultos.

Em um mundo em que “comunidade” é a palavra da moda, seus adeptos e entusiastas deveriam passar uma temporada com a comunidade tradicional de Boipeba. O passado ancestral, unido ao presente consciente, é o ingrediente ideal para a manutenção de um legado e para as mudanças necessárias. Como diz o morador Raimundo Siri: “Se Boipeba tem o potencial de ser um paraíso, o mérito é todo de seus guardiões, de suas formas de viver a vida, de se desenvolver”. 📍

Estilo com propósito

Confira alguns dos produtos que estão redefinindo padrões em viagens sustentáveis

POR LUCIANA LANCELOTTI



FOCO NO SUSTENTÁVEL

A Sony Alpha A7R IV já nasceu com consciência ambiental, pois é produzida com plásticos reciclados e polímeros derivados de fontes biológicas. É uma câmera *mirrorless* incrível, que oferece captação antioscilação, controle de flash extremo a partir da própria câmera, produção de filmes 4k e gravação nítida de som com mínima deterioração. A bateria, de longa duração (ela funciona em modo de economia de energia, prolongando ainda mais sua vida útil), dá conta de aproximadamente 660 disparos ou 170 minutos de gravação contínua em apenas uma carga. É hoje uma das melhores escolhas para quem deseja desempenho e qualidade profissionais, e sem abrir mão da sustentabilidade.

sony.com

TÊNIS VIRAIS, PÉS FELIZES

Depois de um vídeo viralizar no TikTok, com o relato de uma viajante e seus pés felizes e sem bolhas após quilômetros de caminhada nas férias, os tênis Dr. Scholl's Day Off se tornaram uma sensação entre os viajantes antenados. Só na Amazon, o número de avaliações passa de 3 mil – a maioria cravando cinco estrelas aos calçados, produzidos com couro ecológico e material reciclado. O design clássico-retrô traz versatilidade, casando-se bem com looks esportivos de dia ou com noites informais. Além disso, a sola é ultraflexível e a palmilha, antimicrobiana, combate os odores, um bônus para quem está sempre em movimento

drschollshoes.com



INVISÍVEL NA PELE, FORTE NA PROTEÇÃO

Candidato a item indispensável nas malas de viagem, o novo Protetor Solar em Bastão FPS 60 da Sallve é resistente à água e ao suor. A fórmula, enriquecida com vitamina E e carnosina, protege a pele de raios solares, da poluição e das luzes azul e infravermelha, evitando a sensação pegajosa e o desconforto nos olhos. É uma opção superconsciente de protetor solar porque, além disso, é vegano, sem fragrância e tem embalagem reciclável.

sallve.com.br

XÔ, JET LAG

O Timeshifter é o aplicativo para amenizar os efeitos de *jet lag* mais baixado do mundo. A plataforma utiliza a neurociência para facilitar a adaptação ao novo fuso diário baseando-se em quatro elementos: exposição à luz, sono, cafeína e melatonina. Basta inserir uma programação de voos e o app cria um plano personalizado de ações para mandar a exaustão para o espaço. Disponível na App Store e no Google Play.



O AZUL É O NOVO VERDE

As malas de cabine da coleção #MY4810, da Montblanc, começam a chegar às lojas da marca em nova cor, o Avio Blue, com acabamento de couro preto italiano. O corpo é produzido com policarbonato de alta performance, garantindo leveza às peças, forradas em seu interior com jacquard. Comprometida em reduzir sua pegada ecológica, a grife suíça investe em energia 100% renovável e na otimização de recursos, além de compensar suas emissões.

montblanc.com.br



CARTÃO C6 CARBON

Já pensou em ter um cartão que faz você se sentir como uma celebridade? É assim que os clientes do C6 Bank se sentem, no topo do mundo. O cartão C6 Carbon oferece um mundo de benefícios exclusivos. Entre eles, estão vantagens como: 3,5 pontos por dólar gasto no cartão de crédito, até 1,7% em *cashback* (considerando dólar a R\$ 4,80), acesso a salas VIP em aeroportos do mundo todo e outros privilégios que justificam a fama de ser o melhor cartão da sua vida.

c6bank.com.br



BRASIL

BOIPEBA

A FANTÁSTICA ILHA DE

Mais do que um destino alternativo na Bahia, a Ilha de Boipeba funciona em um ritmo ancestral, com cenários nativos de mata, mangue, restinga e corais, elevando o descanso a uma experiência única e transformadora

TEXTO CAROLINA SAGESSER RODRIGUES
FOTOS FELIPE BELTRAME



Vista sobre o encontro das águas na Praia de Castelhanos

As vezes, acredito que é o momento que escolhe e curte você, e não o contrário. Minha ida para a Ilha de Boipeba foi um deles. Antes de viajar, eu sabia que encontraria os clichês do paradisíaco litoral baiano: mar cristalino, praias com coqueiros, natureza exuberante e dias tranquilos. Mal sabia que, além de tudo isso, a ilha e seus guardiões me convidariam a entrar em outra frequência, na qual a fração de segundos aconteceria em um fluxo natural, quase mágico, extrapolando o simples objetivo de contemplar o entorno e me sentir descansada para, sim, voltar (re)nova(da).

A Ilha de Boipeba é uma joia rara no mundo de hoje, ainda isolada de grandes centros urbanos. Situada ao sul de Salvador, separada da Ilha de Tinharé, onde está o badalado Morro de São Paulo, ela integra o Arquipélago de Cairu. Tendo como base a capital, os meios de transporte para chegar lá são semiterrestres, ou seja, carro e barco, com a duração mínima de cinco horas. Tenho a teoria de que todo paraíso é desafiador de chegar, o que torna a experiência mais especial. Quando você descer do último transporte, já vai sentir o estado de espírito local, descontraído e abundante.

BELEZA NATIVA

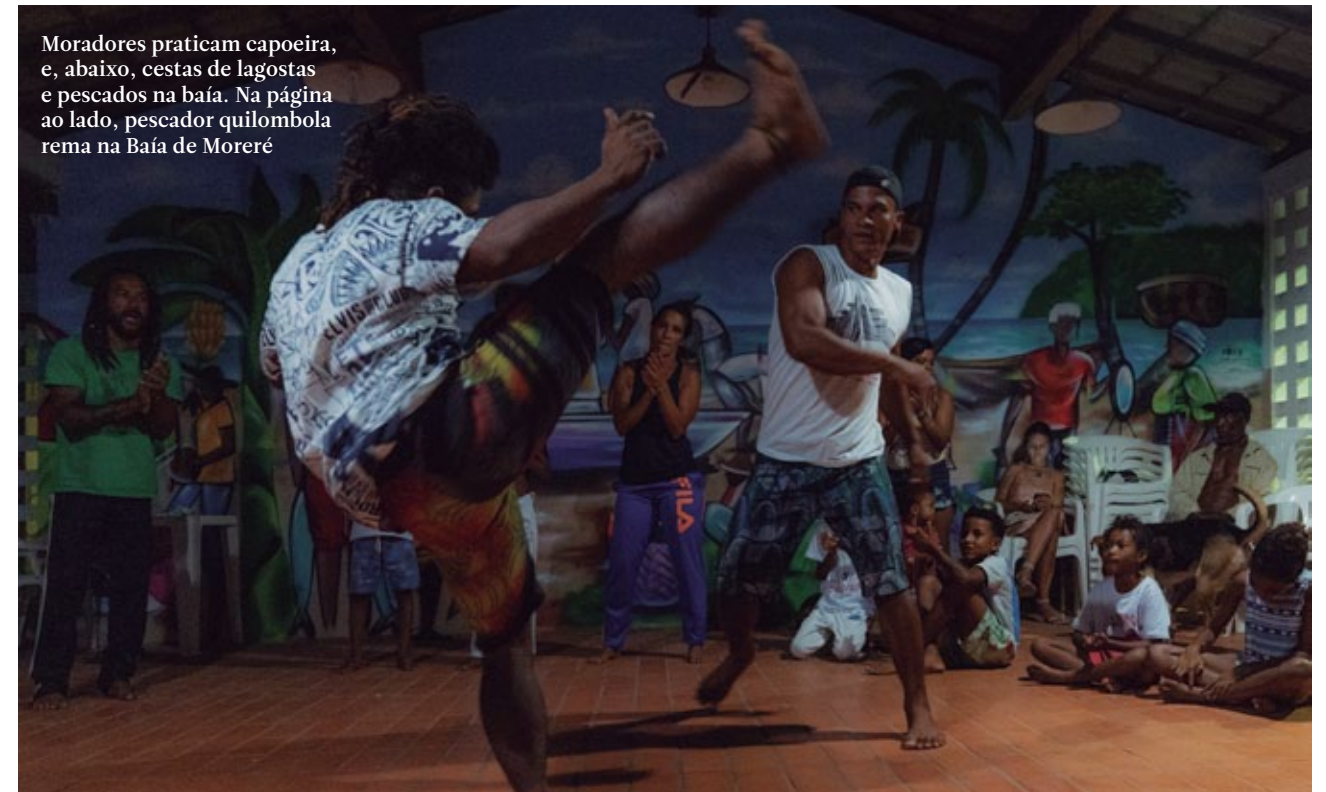
Cercada de um lado pelo Oceano Atlântico e do outro

pelo estuário do Rio do Inferno, Boipeba é reconhecida como uma Reserva da Biosfera e um Patrimônio da Humanidade pela Unesco. A maior parte de sua natureza ainda é nativa, uma mistura de mata atlântica, manguezais, restingas, corais e dunas, o que torna a ilha um lugar singular.

O nome Boipeba tem origem na palavra tupi *m'boi pewa*, que significa “cobra chata”, o termo usado pelos tupinambás para nomear as tartarugas marinhas da região. Antes da colonização, com início em 1535, eles eram os únicos habitantes e viviam da caça, do cultivo de mandioca e da pesca, essas duas últimas ainda praticadas pelos nativos da ilha. Em 1610, sob o domínio dos jesuítas, a região elevou-se à condição de vila e, logo em seguida, foi erguida a Capela do Divino Espírito Santo. Boipeba se tornou uma importante fornecedora de alimentos e materiais de construção para o recôncavo e Salvador. Após uma sucessão de conflitos, em 1810 o principal vilarejo da ilha passou a ser reconhecido como Velha Boipeba.

A Velha Boipeba é o ponto mais ao norte, povoado e desenvolvido da ilha. Em direção ao sul estão Moreré, Monte Alegre e Cova da Onça. A minha escolha para conhecer a região foi Moreré, uma pacata vila de pescadores, com ruas de terra e pouco comércio. Eu me hospedei

Em Boipeba, a maior parte da natureza é nativa, uma mistura de mata atlântica, mangues, dunas, restinga e corais



Moradores praticam capoeira, e, abaixo, cestas de lagostas e pescados na baía. Na página ao lado, pescador quilombola rema na Baía de Moreré

na pousada Ventos de Moreré, literalmente pé na areia, com seus bangalôs imersos na mata e a proposta de se comprometer com práticas sustentáveis. Meus momentos favoritos eram assistir ao silencioso nascer do sol, antes das 6 da manhã, e ao futebol de areia na maré baixa, ao pôr do sol.

Entre 7 e 10 mil pessoas moram hoje na ilha. Uma curiosidade contada por um local é que existem apenas dois policiais e uma ambulância. As opções para se locomover são a pé, de quadriciclo, canoa, trator ou barco. Sugiro experimentar todos e também deixar que o próprio ritmo direcione aonde ir.

OS MEUS CAMINHOS: BAINEMA

No primeiro dia, fui conhecer a inigualável e deserta Bainema. A aventura começa com um curto caminho, que mistura mangues e trilhas de terra, abrigadas por jardins de grama rasteira, sempre acompanhada pela trilha sonora dos movimentos dos caranguejos guaiamuns, pintados como o azul do céu. A primeira impressão é inesquecível: tudo que eu consigo enxergar é a água clara do mar, coqueiros misturados com mata atlântica, infinitas e diversas conchas e uma extensão de faixa de areia inabitada de pelo menos 3 km. Por algumas horas, éramos as únicas presenças no local. Até que, surpreendentemente, um bando de pelo menos 15 cavalos surgiu

em nosso caminho, enquanto nos deliciávamos nas águas quentes da linda praia, que foi eleita a minha preferida.

À tarde, segui a dica certa para os caçadores de pôr do sol: assisti-lo, com um drinque na mão, na pousada O Céu de Boipeba, na vila central. Só lá do alto tive a dimensão do volume de mata da região e recebi as boas-vindas dos raios coloridos de um dos fins de tarde mais lindos que vivi.

Aproveitei a ocasião para me perder nas ruas da vila jesuíta. Chão de pedras, barracas de comidas, restaurantes agradáveis, lojas de todos os tipos, inclusive de artesanato, tudo misturado ao cotidiano local. Existe algo muito interessante em viajar para lugares turísticos fora da época de pico, que é o fato de poder viver a essência do lugar. Nesse caso, observei pessoas se cumprimentando na rua, crianças pedalando em bicicletas, aulas de capoeira na praça, barbearias com moradores cortando o cabelo, crianças indo e voltando da escola (um trator faz as vezes da perua escolar), adultos reunidos para jogar conversa fora, meninas fazendo coreografias dentro de casa e, claro, o futebol. A vida não para, e você se mescla nela.

DE BARCO ATÉ A PRAIA DE CASTELHANOS

Uma breve chuva anuncia o segundo dia. Envolvida

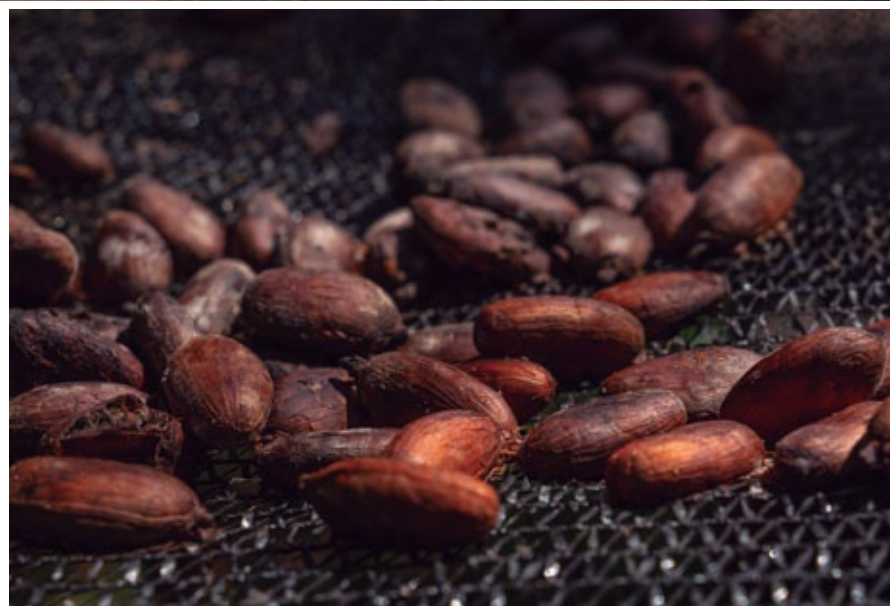
Ponta da Praia
de Tassimirim,
na Velha Boipeba





pelos encantos do barqueiro Ju, “o melhor da Bahia” (segundo ele mesmo), à tarde decido fazer um passeio de barco até a Praia de Castelhanos, com seu colega Danilo. Ela tem esse nome devido ao naufrágio da embarcação espanhola *Madre de Dios*, em 1535. Ao desembarcar, me deparo com uma praia entre o rio de mangue e o mar, dessas que mudam ao ritmo da maré. Seguindo a dica de um amigo, me delicio com um inusitado acepipe local, o pastel de polvo e banana-da-terra, feito pela Vanessa, proprietária de uma das dezenas de barracas à disposição.

A volta para a pousada tem uma parada estratégica nos corais da Praia de Moreré. Reparo que Danilo está pegando algo no mar para dar aos peixes e pergunto o que é. Ele explica que, de alguns anos para cá, é proibido jogar pão para alimentar os animais, mas que eles ainda se atraem pelos grãos de areia. Confesso que me dá alívio presenciar essa cena nos dias de hoje, em que muitos passeios turísticos praticam atrocidades para se destacar, o que apenas desequilibra o meio ambiente.



DE BOIPEBA A MORERÉ A PÉ

No terceiro dia, Dora, minha amiga, e eu decidimos não fazer planos e seguir o ritmo da ilha. Foi assim que acabamos em uma tradicional caminhada desde a Velha Boipeba até Moreré. São cerca de 12 km, a maior parte feita pela costa, com algumas trilhas por entre fazendas de coqueiros, travessias de rios rasos e paradas essenciais para hidratar com água

de coco e reabastecer as energias com pastéis de frutos do mar. O recomendado é fazer na maré baixa.

Quando o inusitado toma conta, sou ainda mais surpreendida. Na caminhada, foram três desses momentos. O primeiro, como em uma utopia, um homem preto, cavalgando um cavalo branco, apareceu bem na hora em que não sabíamos como atravessar o rio e nos ajudou gentilmente a achar o caminho. O segundo aconteceu na chegada à Praia de Moreré, um espetáculo na maré baixa, quando a paisagem se transforma totalmente, com os bancos de areia e os corais acima da água cristalina, formando uma lagoa espelhada. O terceiro, e último, foi a aparição de Agnaldo, vendendo suas barras de cacau, preparadas localmente, e oferecendo uma experiência de canoa ao pôr do sol no Rio do Inferno. O passeio culminou em um dos momentos mais incríveis da viagem: ouvir a história da ilha, no meio de manguezais e sob uma luz deslumbrante, que deu as boas-vindas a um céu estrelado inimaginável.

QUADRICICLO E SABORES ORIGINAIS

Sem aviso prévio, deixei o melhor para o final. Combinei com meu novo amigo, o guia Murilo, de fazer a volta pela ilha de quadriciclo. Adentrar a mata e perceber a grandiosidade do verde mexe com o coração, nos faz atarrar, prestar mais atenção no entorno. Por ser uma terra quilombola, pedi que parássemos em algum terreiro. Acabamos descendo até a comunidade de Monte Alegre, na casa da Jandira. Ela me contou um pouco de sua história, comentou que não gosta de ir à cidade e me deixou com gosto de quero mais: “Vem

Na Bahia o tempo tem outro ritmo – uma sensação que parece ganhar mais força sob a leveza de Boipeba

Acima, praia em frente ao Ventos Moreré Hotel & Beach Club. Na página ao lado, movimento no centro do vilarejo e sementes de cacau secando ao sol na Praia de Castelhanos



um dia dormir na minha casa de aluguel que lhe conto tudo sobre o passado da ilha e da minha família”. Como esquecer um convite mais do que especial?

Além da parada na já conhecida Castelhanos, fomos à Praia das Amendoeiras, uma faixa de areia protegida por uma mata densa, com as amendoeiras fazendo as vezes de guarda-sol. Lá, Murilo nos contou sobre as muitas jiboias da ilha, que descansam preguiçosamente nas amendoeiras. Seguimos para almoçar na Cova da Onça, uma comunidade de 700 moradores, onde a pesca e a produção do cacau ainda reinam como a atividade principal. Além de uma comida fresca deliciosa, tivemos a companhia de Clara, Nicholas e Cecília, três crianças locais, que nos explicam a produção do cacau. No fundo, o futebol da criançada, aproveitando a maré baixa, declarava o final do dia.

Após o último pôr do sol no verde infinito, a volta teve ainda uma parada obrigatória. As cocadas, o azeite de dendê e outras delícias da dona Dôra. Um lugar especial, onde abasteci minha mochila para voltar para casa com lembranças divinas e gosto de quero mais.



Se na Bahia o tempo tem seu próprio ritmo, em Boipeba essa sensação ganha ainda mais força. As marés ditam a hora de se movimentar ou se mesclar à natureza. As chuvas repentinas convidam a se refugiar num livro e os fins de tarde trazem sempre a promessa de uma nova aventura. Meu último conselho, inspirado no livro que estava lendo, *O Gato Malhado*, de Jorge Amado: acorde bem cedo para presenciar o espetáculo do nascer do sol, que nada mais é do que “a manhã apagando as estrelas que a noite acende com medo do escuro”. 📍



Acima, um dos bangalôs do Ventos Moreré. Na página ao lado, entardecer no mar e lounge do Ventos Moreré



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

CULTURA

OS ÚLTIMOS INDÍGENAS DO JAPÃO

*Como é conhecer a natureza da Ilha de Hokkaido
tendo como guias o fascinante povo originário Ainu*

POR DANIEL NUNES GONÇALVES





Acima, as garçonetes que “viram” artistas após o jantar no restaurante Marukibune e vestimenta original no Museu de Arte Ainu Onne Cise. Na página ao lado, guia ainu da comunidade do Lago Akan

arquipélago, onde a cultura ainu teria surgido, entre os séculos IX e XIII, tudo gira em torno da coexistência pacífica com a natureza.

UMA CULTURA QUASE EXTINTA

Por abrigar a natureza mais selvagem do país e a preciosa cultura ainu, Hokkaido começa a ser descoberta por viajantes inquietos, que gostam de ir aonde pouca gente vai. “Nosso povo quase foi extinto”, contou a anciã Miyako Sasaki, vizinha do guia Kengo, em uma das 36 propriedades ainus na simpática vila turística Akanko Ainu Kotan. Aos 80 anos, a chamada Mia Chan se dedica a preservar a arte, a dança e a tradição oral de sua etnia no Museu de Arte Ainu Onne Cise, em frente ao Teatro Ikor, palco de alguns dos muitos festivais da ilha. A história narra que, no fim do século XVIII, o Imperador Meiji incorporou o território Ezo (o antigo nome de Hokkaido) aos domínios do Japão. O povo Yamato, da ilha principal, dominou o território ainu, e os indígenas tiveram de parar de falar sua língua e de caçar. Foi quando chegaram a Hokkaido novidades como o plantio de arroz, a pesca de salmão em larga escala e religiões como o budismo e o xintoísmo, alterando bastante seus costumes.

O RESGATE DO ORGULHO AINU

Explorar Hokkaido guiado pelo acolhedor povo ainu é como ter uma aula sobre a história do Japão que não nos contaram na escola. “Por

“**F**eche os olhos e abra as janelas do seu coração para os espíritos da natureza que nos rodeiam”, pediu Kengo San, falando em voz baixa. Com longos e compridos cabelos grisalhos e usando uma túnica decorada com desenhos geométricos típicos para espantar as más energias, o líder ainu acendeu um incenso e começou uma oração na língua nativa. Também portando a vestimenta ainu, respirei o ar frio da linda floresta coberta por neve, no Parque Nacional Akan-Mashu, e me entreguei ao rito.

Aquele era um momento e um lugar especiais da minha segunda viagem à Ilha de Hokkaido, no Japão. De um lado, o cenário era de água: o Lago Akan, congelado pelas temperaturas negativas no inverno, na região mais fria do país. De outro, as poças borbulhantes do vulcão de lama Bokke nos lembravam que, no interior da Terra, há fogo. Fechei as pálpebras, meditei e agradei.

KAMUY, O ESPÍRITO DIVINO

Considerados os últimos indígenas do Japão, o povo Ainu acredita que o espírito divino, ou *kamuy*, habita a água, o fogo e todos os seres vivos. Ao reabrir os olhos, me senti encantado pela sensação de conexão com os *kamuy* de montanhas, praias, lagos e animais – de veados a cisnes – que eu tinha visto ao explorar a segunda maior ilha japonesa. Jovem liderança da comunidade de 130 descendentes ainus na localidade de Lago Akan, no leste da ilha, o guia Kengo Takiguchi continuou nossa caminhada pelo parque. Com pele morena e olhos menos puxados que outros japoneses, Kengo foi apresentando a cultura ainu, bastante distinta daquela de Honshu, a principal ilha do Japão. Esqueça os samurais, a modernidade de Tóquio e os templos budistas de Quioto. Na ilha mais ao norte do



Os ainus têm orgulho da natureza de Hokkaido, a ilha do norte do Japão, que abriga 20 vulcões e 251 onsens

Acima, o grou-da-montanha é uma ave sagrada para os ainus. Na página ao lado, o Vulcão Iozan, ou Sulfur Mountain, e a neve sobre os *torii*s, portais sagrados dos santuários xintoístas

anos, nossos povos originários sofreram um apagamento cultural e tiveram vergonha de assumir sua identidade”, conta a guia Sakurako Yamada, que me guiou no verão e vive em Nibutani, distrito de Bitorori, que tem a maior concentração de nativos de Hokkaido: 80% dos 300 habitantes são ainus. O preconceito contra eles começou a diminuir em 2008, quando o Parlamento japonês os reconheceu como indígenas, com língua, religião e cultura próprias. “Os ainus têm recuperado o orgulho e a autoestima graças, em parte, às oportunidades trazidas pelo turismo cultural”, diz Saku. Nos últimos 15 anos, cerca de dez museus ainus foram criados ou aperfeiçoados em Hokkaido. Entre eles, o *high-tech* Upopoy Museu Nacional Ainu, perto da capital, Sapporo, e o mais antigo, o pequeno Memorial Kawamura Kaneto, em Asahikawa, criado em 1916 e onde Hisae Kawamura e seu filho Haruto trabalham para preservar o legado ancestral.

NEVE, VULCÕES E BANHOS TERMAIS

No verão, a natureza exuberante do território ainu é um convite a aventuras ao ar livre. Caminhei, pedalei e remei por cinco dias nas paisagens de Kamikawa e Cabo Soya, o extremo norte japonês. Já no inverno, a neve atrai esquiadores para resorts como os de Niseko. Em qualquer estação, os poços de águas termais, com propriedades medicinais, originados pelos 20 vulcões ativos da ilha, são uma tentação. Essa mistura abundante de água e fogo rendeu a Hokkaido a maior



Em Kawayu, a família do músico Atuy San apresenta danças típicas na casa-restaurante que serve menus degustação indígenas

Ao lado, Kengo San cumpre ritual ainu de incenso e, abaixo, o artesanato de madeira de seu pai, Masamitsu Takigushi



quantidade de *onsens* de todo o Japão. Existem na ilha 251 locais para banhos tradicionais, com piscinas de diferentes qualidades minerais e temperaturas. Os ainus sempre desfrutaram dessas poças rústicas ao ar livre – uma experiência que pode ser vivida em *onsens* públicos. Os contemporâneos são espaços confortáveis, com banheiras coletivas (com as mulheres em ambientes distintos dos de homens), onde as pessoas relaxam nuas e sem tabus. Nos hotéis de luxo, há opções de *onsens* privados em quartos e spas.

CARNE DE VEADO E A DANÇA DO TSURU

Perto de Kawayu, um famoso *onsen* com águas sulfúricas, e do Vulcão Iozan, onde caminhei entre poças ferventes e orifícios que jorram vapor de enxofre, vivi a mais inusitada imersão na gastronomia e na arte ainus. Quando cheguei com amigos a seu casarão familiar, o músico Masanori Toyooka, o Atuy San, 78 anos, estava esparramado na poltrona de massagem no salão, vendo TV. Em instantes, o restaurante Marukibune ganhou vida ali mesmo, e as parentes do patriarca trouxeram da cozinha

receitas deliciosas, feitas com pescados e carne de veado. Ao fim do jantar e dos saquês, nova metamorfose: as garçonetes se travestiram de artistas (do grupo Moshiri), no total de 12 familiares transformando o espaço em palco. A trupe cantou, tocou e dançou, simulando seres da natureza local, como o grou-da-manchúria, sagrado para os ainus. Essa rara ave migratória é um *tsuru*, o símbolo de paz mais reproduzido em origamis no Japão. E seu *kamuy* é mais um espírito da natureza que os anfitriões ainus de Hokkaido nos ensinam a contemplar de coração aberto.



Em sentido horário: música, vestimenta, arte em palha e em madeira: a cultura ainu é destaque nos dez museus indígenas



OÁSIS EM TÓQUIO

Ao combinar luxo contemporâneo e clássico, o The Okura Tokyo fez uma aposta certa para agradar o viajante exigente, porém antenado. Ao passar por uma repaginação completa - sua inauguração data de 1962 -, estreou uma nova era. Na espaçosa propriedade no centro da capital japonesa, cerca de metade do espaço é coberto por exuberantes jardins e vegetação.

Os hóspedes podem escolher entre se hospedar na chamada Okura Heritage, onde fica o The Wing, ala de elegante e tradicional estética japonesa, ou na Okura Prestige Tower, instalado num arranha-céu moderno. Não importa a escolha, ambas garantem acesso aos restaurantes de cozinha japonesa, francesa e chinesa do hotel, além do The Okura Garden, um amplo jardim japonês que serve como um oásis em meio à fervilhante Tóquio. 📍



Acima, a fachada e um dos quartos do The Okura Tokyo. Na página ao lado, banho nas águas termais, no Monte Meakan, e apresentação de dança no Upopoy Museu Nacional Ainu



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



ARTE



UM GIRO ARTSY PELA

Coreia do Sul

Em alta entre viajantes atentos e tendência mundial em cultura pop, o país se revela um destino diverso e completo para quem aprecia e consome arte contemporânea

POR PHILIPPE TAKLA



Acima,
perspectiva
do Leeum
- Samsung
Museum of Art.
Na página ao
lado, área externa
do mesmo museu



Após dez anos desde a minha última visita, retornei a Seul para, com surpresa, encontrar um destino mais vibrante e cosmopolita do que me lembrava. Dessa vez, ficou ainda mais evidente que essa vocação ultrapassa fronteiras e, por meio do fenômeno da K-Culture (o termo cunhado para designar o poder de propagação de música, séries de TV, moda, dramas, comportamento e estética sul-coreanos), ela tem influenciado não só a Ásia, como também o resto do mundo.

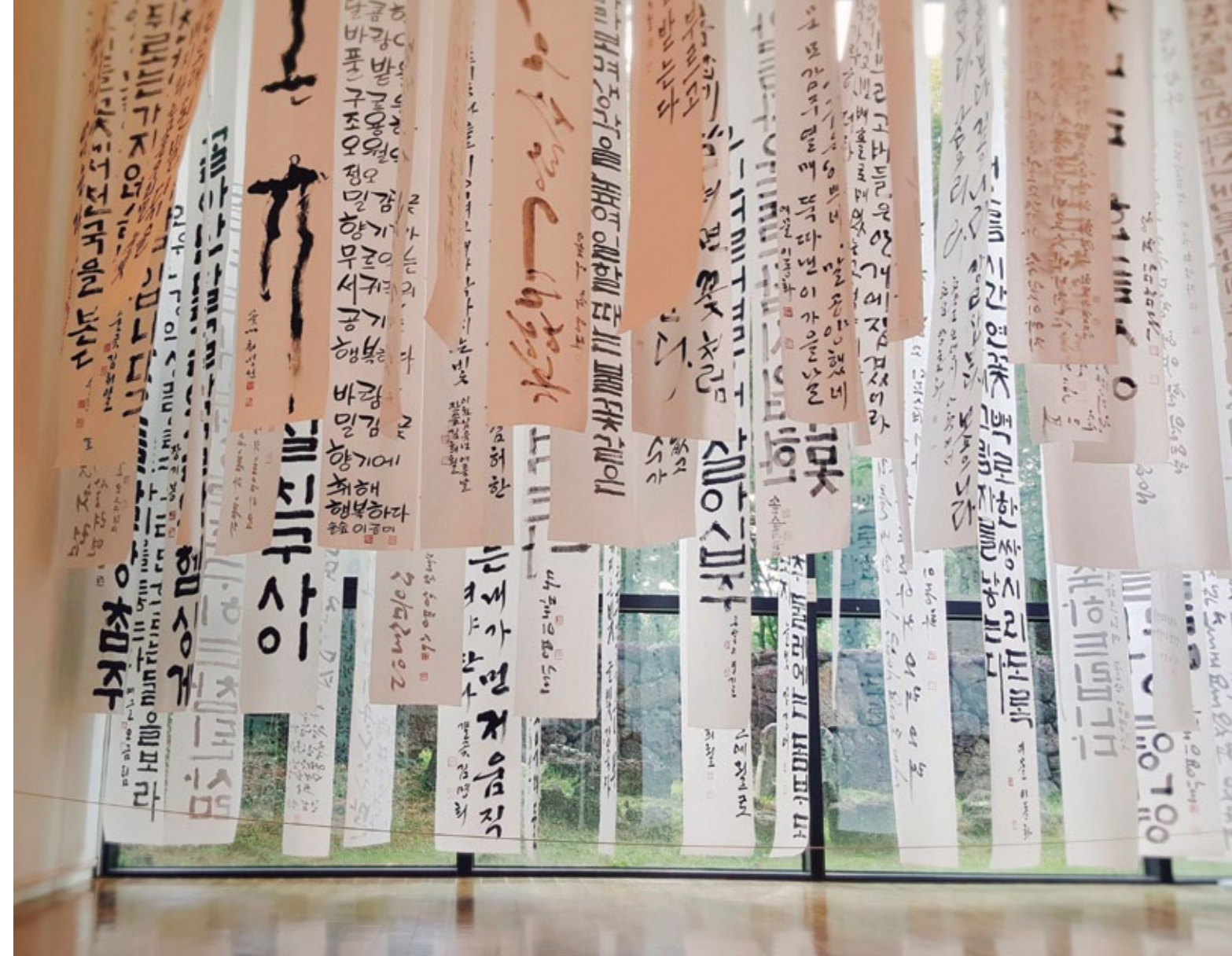
Em termos de arte contemporânea, o país se tornou uma referência no cenário global. Basta dizer que Seul abrigará, em 2024, a terceira edição da Frieze, uma das mais renomadas feiras de arte do mundo, atraindo assim ainda mais os olhares para a produção artística do país. A forte cena cultural é alimentada por grandes investimentos das iniciativas pública e privada, que apostam cada dia mais nessa tendência.

Como grande apreciador de arte de todos os períodos históricos e geográficos, sempre que viajo, reservo boa parte do meu tempo para me aprofundar sobre o tema. Gosto de traçar roteiros que incluam não apenas os museus mais conhecidos, mas também os menores e novos, as pequenas galerias e os espaços *off the beaten track*. Tento sempre me antecipar e montar uma agenda de visitas, mas inevitavelmente as surpresas surgem pelo caminho. Para a adorável e prazerosa tarefa de ver e visitar o máximo possível em Seul, contei com a ajuda de grandes amigos do mundo das artes.

ARTE ATEMPORAL

Um dos mais importantes da cidade, o Leeum - Samsung Museum of Art, que acaba de comemorar 20 anos, foi o nosso primeiro destino. Criado com a coleção do fundador da Samsung e administrado pela empresa de tecnologia, ele está dividido em duas partes, que somam 27 mil metros quadrados, e tem um acervo de mais de 15 mil peças. A primeira parte foi projetada pelo arquiteto suíço Mario Botta e a segunda pelo arquiteto francês Jean Nouvel e pelo holandês Rem Koolhaas.

Um dos pavilhões abriga a arte histórica norte e sul-coreana, com 32 objetos considerados tesouros nacionais. O outro é marcado por obras contemporâneas de artistas



A forte cena cultural é alimentada por grandes investimentos e pelo entusiasmo cada dia maior do turismo no país

Acima, mostra em uma das salas do Jeju Museum of Contemporary Art, na Ilha de Jeju. Na página ao lado, sala de exposições da Hyundai Gallery e instalação externa do MMCA, ambas em Seul

sul-coreanos e internacionais. Entre as mais marcantes estão a belíssima *Aranha*, de Louise Bourgeois, e trabalhos de Jean Michel Basquiat, Warhol, Rothko e Yves Klein.

Outro grande destaque, o MMCA (National Museum of Modern and Contemporary Art) foi fundado em 1969 e abriga obras dos períodos moderno e contemporâneo. O prédio recebe diversas exposições temporárias, sempre muito bem montadas. Quando o visitamos, duas estavam em curso: a mostra *Back to the Future* (com obras de artistas sul-coreanos dos anos 1980 aos 2000 e trabalhos em vídeo do artista Kang Seung Lee) e *Lazarus*, que homenageia o coreógrafo Goh Choo Sana e o artista brasileiro José Leonilson, ambos *queer* e vítimas da aids nos anos 1990 (o trabalho integra a Bienal de Veneza deste ano).

Próximo ao MMCA fica a tradicional Hyundai Gallery, que há 50 anos insere talentosos artistas sul-coreanos no cenário mundial. Além dela, deze-

nas de galerias nacionais e estrangeiras, como Perrotin, Arario, Pace, White Cube, PKM, Whitestone e Peres Projects, ganham destaque na capital.

ILHA DE MUSEUS

Uma curta viagem de trem rápido (cerca de duas horas) separa Seul da segunda maior cidade do país, Busan, localizada no sudeste da Península da Coreia. Foi lá que visitamos o Space Lee Ufan, parte do Museu de Arte de Busan, que abriga pinturas e instalações importantes desse artista sul-coreano. É o segundo local permanente de exposição de Ufan, depois de outro, construído em Naoshima.

De Busan, tomamos um voo de uma hora para a Ilha de Jeju. Relativamente grande, com cerca de 1,8 mil quilômetros quadrados e 700 mil habitantes, a ilha teve seu desenvolvimento acelerado a partir dos anos 1970, como um balneário, graças a belas praias e paisagens montanhosas. Por sinal, trata-se da ponte aérea mais movimentada do mundo: o trecho

Sem abrir mão de suas raízes culturais e históricas, a Coreia do Sul é um destino dinâmico e em constante mutação

Abaixo, a estátua Seongsan Ilchulbong, marco da Ilha de Jeju. Na página ao lado, estátuas de pedra que fazem parte da história de Jeju e o magnífico Bonte Museum, projeto de Tadao Ando na mesma ilha



Ao lado, a obra *Alchemy*, de Choi Jeong-Hwa, no Leeum Museum

conta com até 226 voos diários. Esse enorme influxo de turistas, em grande parte de sul-coreanos, fez surgir mais de 100 museus na ilha, desde o controverso Museu da Hello Kitty até os bons museus de arte contemporânea.

Ao todo, passamos três noites por lá e fomos os primeiros brasileiros a nos hospedar no JW Marriot Resort and Spa, aberto há pouco tempo. Para a nossa surpresa, além de estrutura excelente, ele abriga uma enorme coleção de arte, das maiores que já vi exposta em um hotel. Tomamos café da manhã observados por uma tela de Alexander Calder, antes de nos depararmos com um de seus móveis no corredor. Ao lado da piscina, uma enorme escultura de Ugo Rondinone. Trabalhos de Daniel Arsham, Jeff Koons, Damien Hirst, Maurizio Cattelan e Pierre Soulages surgiam a cada passo nas áreas sociais do hotel.

Ao sair para explorar a ilha, a primeira parada foi o Bonte Museum, um magnífico projeto de Tadao Ando (um dos maiores arquitetos da atualidade), que faz grande uso do concreto aparente e vidros em seus projetos. O museu conta com cinco galerias, sendo que uma delas abriga permanentemente dois trabalhos de Yayoi Kusama: *Pumpkin* e *Infinity Mirrored Room*. Tadao Ando também assina o projeto do Glass House e do Genius Loci (ambos concluídos em 2008). O Glass House é um restaurante com deque de observação, em uma colina à beira-mar, com vistas panorâmicas do horizonte. Já o outro edifício, o Genius Loci, em contraste, é uma estrutura baixa e subterrânea, onde as paredes de rocha vulcânica áspera destoam do concreto liso dos projetos de Ando. O local abriga uma curiosa coleção de peças art nouveau. Nossa segunda parada foi no Jeju Museum of Contemporary Art, que, embora por fora não seja tão belo quanto o Bonte Museum, conta com um interessante acervo e mostras temporárias.

Foram 15 dias dedicados ao universo das artes nesse fascinante país, que é a Coreia do Sul. Nem sempre sou adepto do *slow traveling*, mas a Coreia me trouxe a sensação de que, quanto mais tempo eu permanecesse, mais surpreendido ficaria. Um destino dinâmico e em constante mutação, que com certeza merecerá outras visitas.



LUXO COREANO REVISITADO

No coração do pulsante bairro de Gangnam, famoso distrito ao sul do Rio Han, o Park Hyatt Seoul é há mais de vinte anos uma referência em hospedagem na capital sul-coreana. O luxo discreto pincelado por detalhes que remetem à cultura e a arte do país marcam a decoração através de peças de artesanato coreano, carpetes com estampa bojagi e outros artefatos expostos nas áreas comuns. Há apenas dez quartos por andar, o que amplia a sensação de privacidade em meio à realidade caótica da metrópole que se apresenta através das enormes janelas das habitações. O tom cosmopolita da hospedagem é sentido em todos os detalhes, mas especialmente na gastronomia, que trafega pelas cozinhas italiana, internacional e coreana em seus restaurantes – além de um badalado bar subterrâneo, o Timber House. 📍

Acima, a fachada do Park Hyatt Seoul e, ao lado, a piscina com vista para o skyline de Seul



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

ESPORTE

UM PAÍS RADICAL

Interseção perfeita entre aventura e natureza, a Nova Zelândia oferece uma diversidade de opções esportivas, das caminhadas entre fiordes e lagos cristalinos aos radicais bungee jumpings mais cênicos do mundo

POR NAIARA WAGNER





Acima, o salto de *bungee jump* da Kawarau Bridge, onde o esporte foi inventado. Na página ao lado, *trekking* em meio à floresta de Fiordland National Park

Em um dia corriqueiro de 1988, um jovem intrépido amarrou uma corda em seus tornozelos e saltou da Ponte Kawarau, em Queenstown, Nova Zelândia. A cena tinha tudo para ser catastrófica, mas foi épica. O jovem era Henry van Asch e, nesse dia, ele criou o *bungee jumping*, um dos esportes radicais mais desejados de todos os tempos. Sua inspiração foram as tribos indígenas da Ilha Pentecost, em Vanuatu, onde homens saltavam de torres de madeiras com cipós amarrados aos tornozelos, um ato que simbolizava a coragem e a fertilidade. Desde que

Van Asch comercializou o salto livre, ele se expandiu mundo afora, mas a Nova Zelândia continuou sendo o epicentro do esporte. São mais de dez locais populares para os saltos livres, embora o Bungee Kawarau Bridge continue sendo o mais famoso.

Ainda que o *bungee jumping* seja o carro-chefe da indústria de aventuras neozelandesa, há muitos outros atrativos que rendem ao país a fama de capital mundial dos esportes radicais. A terra kiwi é uma referência também em diversas modalidades de aventura graças à sua natureza cênica, ao seu *know-how* no gerenciamento de esportes de alto risco e ao exímio talento de seu povo para desenvolver uma indústria que usa a natureza como a sua principal aliada, e ainda assim não a agride ou a polui visualmente.





O itinerário na Nova Zelândia pode conter aventuras para todos os ritmos e níveis de adrenalina em terra, sob a terra, no ar ou no mar

NATUREZA NO COMANDO

Pano de fundo de algumas das trilhas mais belas do mundo e Patrimônio da Humanidade pela Unesco, o Fiordland National Park, no sudoeste da Ilha Sul, chama a atenção pelo caráter dramático e intocado de sua vastidão. Fiordes imponentes, vales profundos e lagos de águas cristalinas são o cenário de caminhadas deslumbrantes. A mais famosa delas, não à toa, é a Milford Track, conhecida também como “a trilha mais bonita do mundo”. São aproximadamente quatro dias para percorrer seus 53,5 km, através de paisagens edênicas, fiordes, cachoeiras, picos alpinos e florestas vultosas, e em sintonia com inúmeras espécies de aves e peixes. A maioria dos caminhantes se hospeda nos abrigos do Departamento de Conservação da Nova Zelândia, que é responsável pelo controle e cuidado da trilha, para evitar ter de carregar equipamentos pesados de *camping*.

Para quem quer levar a adrenalina ao extremo (e experimentá-la durante um longo período), a região das cavernas de Waitomo, a cerca de três horas de carro de Auckland, é uma escolha certa. Todos os anos, milhares de pessoas se deslocam até lá para fazer *rafting* em rios subterrâneos, sob a mais completa escuridão, e saltar de cachoeiras, atravessar espaços estreitos e fazer rapel. A aventura e o itinerário do *rafting* Black Labyrinth têm uma recompensa à altura do esforço: a visão dos *glow worms*

Um papagaio Quia, típico da Nova Zelândia, e abundante no Fiordland National Park. Acima, vista sobre a paisagem do mesmo parque



A Mangapohue National Bridge nas cavernas de Waitomo. Acima, casal observa o fenômeno *Glow Worm* na caverna de Waipu, também em Waitomo



cançaram renome internacional. O local é conhecido pelas ondas rápidas e longas.

Se os esportes de risco deram fama à Nova Zelândia, o potencial risco deles é igualmente divulgado e assegurado. Em 1974, os kiwis, baseados em uma mentalidade comunitária, estabeleceram a Accident Compensation Corporation. Dirigida pelo governo, a corporação concentra nela mesma o dever de assegurar aos turistas e aos locais a segurança financeira contra acidentes. As empresas pagam uma anuidade para financiar esse seguro e qualquer machucado ou grave acidente é coberto e respaldado financeiramente.

Raros são os locais no mundo que sejam o cenário para a admiração e a aventura em igual medida. A Nova Zelândia figura com destaque nessa seleta lista. Sem esforço. 📍

(insetos que brilham no escuro e transformam as paredes de rocha em um verdadeiro céu estrelado). Não é exagero dizer que a cena é um teletransporte para o espaço sideral.

Outro esporte radical bastante popular no país, o paraquedismo também costuma fazer parte da *bucket list* dos aventureiros. O Skydive Abel Tasman salta sobre o Abel Tasman National Park, no extremo norte da Ilha Sul, e oferece uma vista excepcional de praias de areia dourada e florestas exuberantes. É também o único local onde é possível ver, das alturas, a Ilha Norte e a Ilha Sul ao mesmo tempo. Já o Skydive Queenstown pula sobre as montanhas nevadas e os lagos cristalinos característicos da região.

SURFE CÊNICO

Apesar de pouco conhecido e por vezes até subestimado, o surfe na Nova Zelândia oferece uma legião de “esquerdas perfeitas”, como se diz no vocabulário dos surfistas. Entre todas as praias, Piha, perto

de Auckland, é a mais bem cotada para o esporte. Localizada na costa oeste, Piha assistiu ao nascimento do surfe na Nova Zelândia, no início da década de 1950, e hoje recebe competições nacionais e internacionais. Embora as águas possam parecer incrivelmente calmas, fortes correntes de retorno são comuns nesse trecho da costa, o que requer experiência e atenção.

Na costa oposta, a pouco menos de três horas de viagem, na direção sudeste de Piha, está Mount Maunganui. The Mount, como a cidade é conhecida pelos locais, não tem mais o clima da pequena cidade costeira de outrora, porém a praia continua virgem e quase sempre deserta. O lugar é bastante conhecido por suas areias douradas e seus paredões de corais – estar lá quando entra um grande *swell* é praticamente a garantia de um excelente dia de surfe.

Na parte selvagem da costa oeste está a lendária Raglan. A cidade gira em torno do estilo de vida do surfe, e as arrebatadoras ao longo de seu litoral al-

Acima, surfe em Piha, praia que é *point* do esporte perto de Auckland. Na página ao lado, salto de parapente

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br





BEM-ESTAR



SERENIDADE E EQUILÍBRIO NO VIETNÃ GENUÍNO

Um dos destinos mais cobiçados do Sudeste Asiático, ponto de fascínio cultural e paisagens estonteantes, o país desperta o desejo de equilibrar corpo e mente em ambientes livres de influências religiosas

POR CARLOS MARCONDES

Estou há dois anos na Austrália e só agora pude entender as razões que tornam a simples menção ao Vietnã um sinônimo de encantamento no rosto de vizinhos e amigos. Da gastronomia endêmica à autenticidade cultural, de montanhas tropicais a um litoral belíssimo, com 3,5 mil quilômetros, das cidades imperiais à cosmopolita Saigon: o Vietnã é intrigante e merece ser desbravado com a mente aberta.

Ainda pouco célebre como destino de *wellness* na Ásia, mas com grande potencial, o país vive um *boom* de hotéis de luxo, com propriedades que estão elevando seu portfólio de spas e refúgios endêmicos.

Aliam-se a esses investimentos as experiências da latente vida rural, em paisagens bucólicas, com seus icônicos arrozais, rodeados de montanhas e vilas pitorescas. “O Vietnã emergiu da pandemia como um destino que permite viagens lentas, de experiências de bem-estar, com spas especializados, atividades de aventura e trilhas que compõem um conjunto de elementos espirituais, mentais e físicos”, comenta Linh Le, ex-porta-voz da autoridade de turismo do Vietnã e CEO da Luxperia, uma agência de experiências de luxo.

ENERGIA DAS ÁGUAS

Um dos destinos que exaltam essa predileção pelo *wellness* fica no norte do país, na região de Mai Chau. O Avana Retreat foi construído entre arrozais e uma

floresta tropical que divide a fronteira com o Laos. Sua principal estrela e inspiração é a imponente Cachoeira Pung. Ela é a artéria central, conduzindo a musicalidade de suas águas como uma sinfonia integrada a um paisagismo natural.

O Avana nasceu com foco em sustentabilidade. A região montanhosa teve sua mata nativa afetada pela agricultura. Durante os seis anos de construção do hotel foram plantadas 10 mil árvores endêmicas, como parte de um programa de reflorestamento. Além disso, 93% dos mais de 150 funcionários são moradores das vilas locais.

A soberana cachoeira, e seus riachos, também conduz o hóspede por uma extensa passarela de madeira ao Spa Orchid e aos dois principais palcos de aulas de hatha e yin ioga e de meditação com *singing bowl*.

O H’mong Cottage é um espaço projetado para a prática da ioga, energizada pela vista panorâmica de todo o vale. Mas a que mais me conquistou foi o Thai Cottage, um quiosque pensado para ser harmonizado com a água corrente da cachoeira. É uma ioga por osmose!

Nesse cenário estão as oito salas de tratamento do spa, que exaltam as técnicas de cura da medicina tradicional vietnamita, conhecida como “herbologia do sul”. Os tratamentos são baseados em ervas, frutos e especiarias orgânicos, como os que compõem os principais óleos essenciais do Avana: canela, pomelo, capim-limão e hortelã.

Mas a singularidade do spa não está apenas em técnicas inovadoras ou exclusivas. É o canto das águas da Cachoeira Pung que energiza a experiência

A Cloud Pool, lugar ideal para reflexão em meio à mata nativa e os campos de arroz do Avana Retreat



Em sentido horário, o espaço H' mong Cottage, palco de prática de ioga, experiência de jantar romântico emoldurado pela Cachoeira Pung e o Thai Cottage, outro refúgio de ioga no Avana Retreat



Entre arrozais e uma floresta tropical, o Avana Retreat nasceu com foco em sustentabilidade

desse cobiçado refúgio zen. Ao visitá-lo, tive a sensação real de ter feito uma imersão profunda no interior vietnamita, próximo de gente da terra.

RUMO AO VIETNÃ CENTRAL

Deixo a serenidade de Mai Chau e volto à capital, Hanói. A missão é conhecer o Capella, mais um hotel boutique da celebrada rede de propriedades de luxo. O projeto é um mergulho na década de 1920, uma exaltação lúdica aos tempos de glória das óperas, em uma viagem de 100 anos. Cada ambiente, que leva a assinatura do renomado arquiteto Bill Bensley, exalta o glamour e a vibração multifacetada de uma era icônica da arte. O design do Spa Auriga é um deslumbre, um dos mais originais que já visitei. São apenas duas suítes, onde os tratamentos seguem uma orientação holística, com um menu guiado pelas fases da Lua. Memorável.

Após um voo curto, chego a Da Nang, no litoral do Vietnã Central. A terceira maior cidade do país tem uma costa belíssima, que atraiu dezenas de

grandes redes hoteleiras e marcas de luxo.

Ela é a base para conhecer as famosas Montanhas de Mármore, um grupo de cinco picos de calcário que abriga um complexo de cavernas, túneis e santuários que mesclam o culto ao budismo e ao hinduísmo. Vale ressaltar que quase 75% dos vietnamitas não seguem instituições religiosas.

Essas montanhas são vizinhas à espetacular cidade ancestral de Hoi An, a menina dos olhos do Vietnã, que integra um de seus oito Patrimônios da Humanidade. O centro histórico da cidade é fascinante e imperdível pelo caráter cultural, mas vive lotado de visitantes. O lado mais espiritual dela fica a 40 km, em outro site tombado pela UNESCO, o My Son Sanctuary. Trata-se de um complexo de torres e templos hindus, abandonados e parcialmente em ruínas. O lugar é mágico, e o ideal é chegar bem cedo (por volta de 6h30 da manhã) com a missão de encontrar cantinhos de meditação vazios e apreciar a energia da luz da alvorada.

Em sentido horário, passeio de barco com as típicas lanternas de Hoi An pelo Rio Thu Bon, as lanternas acesas para pedir sorte e uma das salas de tratamento do spa do Avana

Ao lado, em sentido horário, a piscina do Anantara Hoi An, chá com drinque a bordo e o vagão-bar do The Vietage. Na página ao lado, ioga ao alvorecer nas Torres de Banh It -



THE VIETAGE

O Anantara Hoi An é minha base na cidade, uma propriedade boutique, de arquitetura colonial, de frente para o Rio Thu Bom, bem no coração do centro histórico. Além do conforto e do elevado padrão do spa do hotel – a forte identidade da marca –, há uma curiosa experiência idealizada pelo Anantara: o Vietage.

A proposta é fazer a conexão de trem entre dois Anantaras (o Hoi An e o Quy Nhon) descendo pela costa, em uma viagem de seis horas. Um vagão inteiro, de um trem de linha regional, foi transformado em um espaço de luxo exclusivo para apenas 12 hóspedes-passageiros afortunados. É provavelmente a viagem mais relaxante e sofisticada no Vietnã, além de ser uma escolha sustentável. Durante a jornada é servida uma requintada gastrono-

mia, enquanto o trem passa por paisagens bucólicas, dentro de pequenas vilas, em trechos com belas vistas do litoral. Há ainda o mimo de uma pequena massagem de ombro e pescoço, ofertada a todos os passageiros. Chego ao Anantara Quy Nhon mais sereno e relaxado do que quando deixei Hoi An. O Vietage revigora!

O Anantara Quy Nhon fica em uma baía tranqüilíssima, tendo suas 25 vilas, com piscinas privadas, harmonizadas com a vista da ensolarada Ilha Hon Hgang. Para dar um tom ainda mais autêntico, na praia vizinha há uma pitoresca microvila de pescadores artesanais, polvilhada com dezenas de charmosos barcos coloridos.

A propriedade é mesmo de padrão elevado. A gastronomia primorosa e um spa com tratamentos exclusivos, como o Equilíbrio de Cristal de Chakra,





Acima, piscina sobre a praia do Anantara Quy Nhon. Na página ao lado, spa panorâmico do mesmo resort



que propõe uma infusão de óleos e cristais que estimula o fluxo energético. Um dos destaques de *wellness* é vivenciar a alvorada com uma sessão privativa de ioga e meditação diante das torres do antigo Reino de Champa, em um dos locais mais incríveis da região. No complexo de templos de Banh It, o hóspede é convidado a se conectar com torres gigantes, de tijolos vermelhos, que emanam boas vibrações entre o hinduísmo e o budismo, crenças que compunham a fé de um povo, condensadas e entrelaçadas em ambiente de profunda espiritualidade.

BÃI SAN HÔ

A linda BãI San Hô, que em vietnamita significa Baía dos Corais, é cenário do Zannier Hotel, um dos mais belos hotéis do Vietnã. São 98 hectares, onde 73 acomodações parecem estar camufladas em meio à mata tropical. Ali o único caminho de fuga é o mar, separado por uma praia privativa de areia branca e

tom paradisíaco. A arquitetura e o paisagismo são descomuns. As vilas foram construídas ecologicamente, utilizando técnicas tradicionais para replicar as residências tribais. Os interiores têm cores e texturas naturais e os móveis incorporam materiais rústicos, diversos deles feitos à mão com madeira recuperada e bambu. Isso contribuiu para que o Zannier conquistasse a respeitada certificação de sustentabilidade Green Globe.

Outro destaque é o Hoa Sen Spa, cuja filosofia está baseada nos cinco elementos: ar, água, terra, fogo e espírito. Deles surgem diversos tratamentos inspirados em técnicas vietnamitas e tailandesas, com ingredientes orgânicos locais e rituais de banhos de cura e terapias com ervas.

Hoa Sen significa “flor de lótus”. Ela é o símbolo do Vietnã e no budismo representa o impulso de transformação e equilíbrio. São duas buscas que serão estimuladas em quem visitar esse país fascinante. 📍



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

C6BANK

APRESENTA

PROUDLY

Pedal & Prazeres: de bike pelo sul da Bretanha

*André Fischer divide sua jornada solitária
e de reconexão em um roteiro bucólico,
gastronômico e emotivo*

POR ANDRÉ FISCHER

Depois de uma semana intensa, com trabalho de dia e diversão no Marais à noite, fui recarregar as energias em Morbihan, uma região muito particular do sul da Bretanha e também LGBTQIAPN+ *friendly*. A estratégia foi a mesma que uso sempre que pedalo pela França: começo pela escolha de uma cidade a menos de três horas de TGV de Paris (e que tenha uma boa rede de *voies vertes*, as ciclovias em plena natureza). Lá alugo uma bike por três ou quatro dias e parto, pedalando entre 60 e 90 km por dia. Um momento de desconexão, sem fones de ouvido e usando o celular durante o dia apenas para consultar mapas e informações do caminho. Os aplicativos se conectam com a turma local, sempre aberta a acolher os visitantes – especialmente nós, brasileiros.



Acima, vista sobre o Golfo de Morbihan, em Conleau.
Ao lado, uma das ruelas da pequena Rochefort-en-Terre

Nesses roteiros, busco regiões planas, paisagens bucólicas e o melhor da gastronomia francesa. Vannes, a capital do departamento de Morbihan, dessa vez escolhida como base, é um tesouro medieval, com muralhas, vielas e portões que parecem saídos de um conto de fadas. A gastronomia da região é conhecida pelos frutos do mar, cidras e *galettes* de sarraceno.

No primeiro dia, peguei cedo a bike e segui pelo canal do Rio Marle, que leva ao Golfo de Morbihan, em direção a Port Blanc, passando pelo antigo Moulin de Pomper. Dali para Bono, onde atravessei a supercharmosa Ponte Velha e cheguei ao pequeno porto de St. Goustain, onde almocei no estrelado P'tit Goustan. Descobri em uma placa que ali desembarcou Benjamin Franklin, na primeira missão diplomática semanas após a independência dos EUA. Segui em direção a St. Anne d'Auray, de onde sai uma *voie verte* até Vannes, com trechos sobre deques de madeira e vistas de fazer cair o queixo.

No dia seguinte, parti de trem com a bike até Questembert, onde é possível viajar em uma das mais famosas ciclovias da França, construída sobre uma antiga linha de trem. No caminho, passei



Acima, casas coloridas decoram a charmosa Vannes, um dos muitos vilarejos de Morbihan, e André Fischer durante seu percurso pela Bretanha

pelos lindos Pleucadec, Pluherlin e a minúscula Rochefort-en-Terre, um vilarejo reconhecido como um dos lugares mais charmosos do país, repleto de restaurantes estrelados e cafés.

O último dia do roteiro foi dedicado a Vannes: uma pedalada pelo parque ecológico, com pequenas praias à beira do golfo, a Place des Lices e seu mercado cheio de vida, o castelo, com muralhas e jardins perfeitos, à beira do rio, e a majestosa Catedral de Saint Pierre, que levou 600 anos para ser concluída. 📍





ENSAIO

Espectador da Natureza

Por meio da fotografia, Tom Alves quer ampliar o olhar sobre o mundo, culturas desconhecidas e lugares remotos, além de dividir sua arte com entusiastas



Agra, Índia







Para Tom Alves, a fotografia começou como um hobby, que rapidamente se transformou em paixão e, logo em seguida, em missão. Faz 16 anos que Tom tem a câmera como uma espécie de extensão de seu corpo. “Eu gostava de fotografar de forma amadora. Mas foi após a minha primeira travessia, uma caminhada de cinco dias pelo Parque Nacional da Serra do Cipó – onde, inclusive, moro hoje –, que descobri minha verdadeira vocação”, conta o mineiro.

Logo no início da carreira, ele experimentou diversas áreas da fotografia até descobrir na fotografia documental seu caminho e seu propósito. “Gosto de fotografar em viagens as culturas e os lugares distantes, registrando a imensa riqueza do nosso planeta”, diz Tom, que anda pelo mundo, por meio de sua empresa, a Travessia Expedições Fotográficas, em expedições nas quais ministra *workshops* para outros fotógrafos entusiastas. A cada novo destino, ele entra no ritmo de documentarista observador, em busca dos melhores cliques. “Eu sou um coadjuvante. Não gosto de dirigir as cenas. Meu processo criativo é baseado em observar e interferir o mínimo possível naquilo que fotografo, natureza ou pessoas. Gosto, sim, de conversar com os personagens locais, me aprofundar em suas culturas e, sobretudo, aprender”, explica ele, que recentemente voltou impactado com as viagens que fez à Nova Zelândia, ao Sri Lanka e à Índia. “Uma das coisas que mais me impressionaram foi o olhar do indiano, forte e penetrante”, relembra.

Incansável quando o assunto é desbravar o planeta, Tom segue firme no propósito de sempre ir além. “Meus planos são seguir cada vez mais viajando, conhecendo lugares e culturas novas e inspirando mais pessoas a também sair de casa e se jogar no mundo. Ajudar a formar novos fotógrafos é algo que me motiva.” Ele gosta de frisar seu desejo de documentar o planeta e ampliar o olhar sobre a natureza e os homens. “O fotógrafo documental não está ali para julgar, mas para registrar. Isso porque vemos coisas muito diferentes da nossa cultura, e a diversidade do planeta é enorme”, diz ele. 📍

GASTRONOMIA

Um brinde à África do Sul

*Nas regiões vinícolas de Franschhoek e Stellenbosch,
a descoberta de uma completa experiência enogastronômica,
cheia de sabores e rótulos surpreendentes*

POR NATHALIA HEIN





Trata-se de um momento especial. Quase sublime. A brisa fresca de uma tarde ensolarada de outono move preguiçosamente as folhas das videiras a perder de vista do imenso terreno. Meu olhar, vidrado no vale verdejante, alcança o horizonte até parar, perplexo pela imponência do maciço rochoso da Montanha Klein Dassenberg, que emoldura o cenário dramático. Os sons são ocos e suaves, quebrados apenas pelo doce tilintar de taças ou pelo barulho eventual (ou constante, sejamos francos) de rolhas pulando de garrafas de vinho produzidas ali mesmo. As pratas da casa: Merlot, Sauvignon Blanc, Shiraz, Chardonnay e Cabernet Sauvignon, para citar algumas das castas da propriedade de cerca de 40 hectares. Estamos numa vinícola, afinal. Mais especificamente em um piquenique cênico às margens do lago nos jardins de Mont-Rochelle, um dos seletos membros do portfólio da Virgin Limited Edition, propriedade da coleção de *sir* Richard Branson, em Franschhoek, África do Sul, que reúne uma propriedade vinícola e um hotel intimista, numa fusão perfeita do melhor *savoir-vivre* na região.

A proposta do Mont Rochelle Hotel and Vineyard é acolher seus hóspedes para a mais memorável e completa experiência de enogastronomia e hotelaria da região vinícola do Cabo. E olha que a tarefa é das mais desafiadoras: estamos na única região vinícola do mundo imprensada entre dois oceanos – o Índico e o Atlântico –, onde extensos vales, ladeados por montanhas, formam o relevo ideal para a instalação de *wine farms*. Só na região que compreende o “eixo” Stellenbosch-Franschhoek, que fica no distrito de Paarl (que significa “pérola” em africâner), a 50 minutos de Cape Town, há cerca de centenas de propriedades produtoras de vinho, a maioria delas aberta à visita e muitas vezes com serviços de hotelaria e gastronomia.



Ao lado, de cima para baixo, ambiente do restaurante Miko, estrela do Mont Rochelle, prato do restaurante La Petite Colombe e o Little Rock Rosé, edição limitada especial da vinícola de *Sir* Richard Branson. Na página ao lado, as vinhas da mesma propriedade



COZINHA FUSION – E MAIS VINHO

Como *sir* Richard Branson não brinca em serviço, não é preciso mais do que alguns minutos em Mont Rochelle para perceber que ali tudo é pensado nos mínimos detalhes. Após o piquenique, regado a muitos rótulos da casa e acompanhado de leves comidinhas, preparadas localmente, no restaurante The Country Kitchen, os amplos quartos (apenas 22, todos elegantes, espaçosos e com vista para o vale) são um convite ao descanso antes do jantar no afamado restaurante Miko.

Instalado na sede principal do hotel, o Miko é um dos mais disputados restaurantes da região, famoso pela versatilidade de sua cozinha internacional, com sotaque da culinária sul-africana. Seu nome se deve aos mais premiados vinhos da casa, o Miko Shiraz e o Miko Chardonnay. Espere pratos muito bem temperados e ingredientes sazonais, saudáveis e naturais, em uma combinação que explode em sabores inesquecíveis, como o cordeiro com alho selvagem e a truta grelhada com um perfume bem oriental na finalização. Os pratos são, em geral, harmonizados com os vinhos de Mont-Rochelle,





Acima, em sentido horário, sommelier do restaurante da vinícola Delaire Graff, em Stellenbosch, o winemaker Michael Langenhoven na cave de Mont Rochelle e prato do restaurante Miko

cuja produção premiada inclui tintos macios, brancos muito frescos e um inesquecível rosé, o Little Rock – além disso, há uma adega superlativa, cujas opções incluem rótulos do mundo inteiro.

A visita à vinícola em si é um programa que dá um panorama geral sobre a produção em Mont Rochelle e na região como um todo. O simpático Michael Langenhoven, *winemaker* da propriedade, conduz pessoalmente o pequeno tour pelas vinhas e pela adega, que tem mais de 150 anos de estrutura – Mont Rochelle ocupa uma propriedade do século XVII totalmente restaurada. É ele também quem nos conta que a tradição vinícola do Cabo é muito mais antiga: data de 1654, quando as primeiras videiras chegaram à região, trazidas da Holanda. Ali encontraram um *terroir* e um clima favoráveis para prosperar. Mas foi só entre os séculos XVIII e XIX, durante as Guerras Napoleônicas, que os vinhos sul-africanos ganharam espaço no comércio, já que nesse período a produção francesa para a Inglaterra foi totalmente interrompida. Hoje são mais de 4,5 mil produtores e 350 vinícolas, em 14 zonas no país.

Depois de outra degustação, dessa vez guiada por Michael, e mais brindes, a melhor pedida é terminar o programa com um almoço no The Country Kitchen, o restaurante mais informal do hotel, anexo ao *wine cellar*, e um verdadeiro deleite para o paladar e para os olhos. As saladas e os legumes são crocantes, no melhor estilo *from farm to table*. Não deixe de experimentar o *roosterkoek*, um tradicional pão grelhado servido com carne-seca e gorgonzola.

FRENCH CORNER

Basta percorrer 2 km para chegar ao charmoso centrinho de Franschhoek (cuja tradução é algo como “enclave francês”), um vilarejo que vai dar a sensação de que, por alguma fenda de tempo e

espaço, você foi parar na França. Aninhados ao redor da avenida principal, a Huguenot Road, há alguns quarteirões que reservam pequenos e charmosos estabelecimentos para se perder por algumas horas – e no mínimo duas refeições, considerando incluir uma reserva de mesa nos simpáticos e saborosos Foliage e Reuben’s, a poucos passos de distância. Perto dali, antes estrela do hotel Le Quartier Français, hoje instalado em uma propriedade rural nas proximidades, o premiadíssimo La Petite Colombe é um restaurante estrelado e uma das experiências gastronômicas mais marcantes de todo o Cabo, com um menu degustação servido



De cima para baixo, as fartas vinhas da região, prato do Le Coin Français, destaque na gastronomia de Franschhoek, e o salão do La Petite Colombe, na mesma cidade



Ao lado, processo de colheita das uvas Cabernet Sauvignon de uma *wine farm* sul-africana e serviço e um dos pratos do restaurante da vinícola Delaire Graff



Acima, piquenique à margem do Lago de Mont Rochelle: um sonho, e almoço com espumante da vinícola Delaire Graff

em etapas, que inclui caranguejo-da-neve da Namíbia, peixe-espada com *nahm jim* e missô e cordeiro *karoo* com aipo-rábano e *kapokbos*.

Outro programa, que no início vai parecer duvidoso, mas rapidamente vai se mostrar bem divertido, é embarcar no Wine Tram. Trata-se de um trem que percorre as vinícolas da região. Uma vez a bordo, você pode descer nas que desejar e conhecer as propriedades e suas adegas, ou embarcar em tours de degustação ou seus restaurantes. Na rota, há vinícolas bem conceituadas e de estrutura elegante – além de valor histórico –, como Rickety Bridge Wine State, La Bri e Boschendal.

TODOS OS SABORES DO MUNDO

Pouco mais de 30 minutos separam Franschhoek de Stellenbosch, uma cidade também famosa e reconhecida pela tradição vinícola e pela qualidade de suas propriedades produtoras, porém bem maior do que a vizinha: ela tem 150 mil habitantes, uma famosa universidade e centenas de restaurantes, museus e galerias de arte. Ali é possível se hospedar em hotéis ou em uma das propriedades. Se for o caso, a Jordan Wine Estate é considerada a mais



Em Mont Rochelle, tudo foi pensado nos mínimos detalhes para encantar, dos rótulos impecáveis à hospedagem primorosa

prestigiada da região tanto por suas instalações de hotelaria e gastronomia quanto pela qualidade de seu vinho. Internacionalmente conhecido – faça reserva se quiser garantir uma mesa –, o restaurante Jordan funciona sob o comando do *chef* Marthinus Ferreira, um dos mais prestigiados da cena gastronômica sul-africana. A opção mais acertada é optar pelo menu do *chef* e pelos vinhos indicados pelo proprietário e *winemaker*, Gary Jordan, que acompanhará pessoalmente o jantar.

Na mesma cidade, a vinícola Delaire Graff é puro deleite. Sofisticada, ela mantém um hotel Relais & Châteaux e dois restaurantes, um de inspiração francesa e outro de cozinha asiática, o Indochine. Pode parecer inusitado, mas ao chegar à região vinícola do Cabo você vai rapidamente descobrir que os rótulos de lá se harmonizam com todos os sabores do mundo.





com a natureza será abundante.

A grande estrela são mesmo os safáris, que duram em média três horas, cada um. Há dois por dia (um bem cedo, por volta de 5 da manhã, e outro no final da tarde, terminando com drinques noturnos sob o luar), que são intercalados pela doce programação de almoços à beira da piscina ou no deque do restaurante do lodge, onde sempre pode aparecer um animal para surpreender e encantar.

As incursões à selva africana podem se estender, dependendo da animação do grupo e do humor dos bichos, que, nessa reserva, se mostram a todo momento, porque reconhecem o respeito que impõem ao homem: leopardos, elefantes, leões, girafas e os raros cães-selvagens são avistados com certa facilidade – uma emoção bem difícil de descrever. Depois disso, claro, o dia termina à mesa, em clima de tintim, e de preferência com um bellissimo sul-africano na taça. 📍



A EMOÇÃO ÚNICA DO SAFÁRI

Finda a temporada hedonista nas *winelands*, bastam dois curtos voos (um entre Cape Town e Johannesburg e o outro entre Johannesburg e a reserva de Sabi Sands), em um pequeno avião, para mudar completamente o panorama da viagem – mas não o padrão, nem os vinhos e muito menos a gastronomia. Isso porque dessa vez estamos no Ulusaba Private Game Reserve, a outra propriedade sul-africana da Virgin Limited Edition e a menina dos olhos de Richard Branson. Combinar os dois destinos é a forma ideal de conhecer o me-

lhor da África do Sul sob óticas completamente diferentes, mas com a certeza de vivenciar apenas experiências memoráveis.

A savana é a senhora do espaço e do tempo ali. E a nós, meros coadjuvantes, nos cabe respeitar. Os *rangers* do Ulusaba, que estão entre os mais bem treinados da África, vão introduzindo os hóspedes ao clima local logo que nos buscam no aeroporto privativo do *camp*. É possível se hospedar no Safari Lodge ou no Rock Mountain, que fica no topo de uma colina e tem vistas excepcionais. Em ambos os casos, a interação

Acima, ambiente do Rock Mountain, um dos lodges do Ulusaba e leopardo, animal que pode ser avistado no safári. Na página ao lado, elefantes e mesa posta em meio à savana, preparada pelo Ulusaba

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



AVENTURA

Ilha da Madeira:

Natureza selvagem

A ilha portuguesa, com suas trilhas, piscinas naturais, cachoeiras e vales, é considerada o melhor destino insular do mundo.

Descubra as muitas formas de explorar essa linda porção de terra no meio do Atlântico

POR NATÁLIA MANCZYK





“**H**avaí da Europa” e “ilha da eterna primavera” são alguns dos muitos apelidos que marcam a Ilha da Madeira. Esses dois acabaram sendo os mais conhecidos, e não é à toa: eles fazem todo o sentido. Quando o avião toca a pista, em um dos pousos mais famosos do mundo – pela beleza de ver a ilha vulcânica passando pela janelinha e por toda a engenharia da pista, construída sobre colunas postas dentro do mar –, os europeus sorriem, aliviados por enfim se desfazerem dos casacos em pleno janeiro. É que a ilha, apesar de pertencer a Portugal, está mais perto da África do que da Europa. A localização subtropical, junto com o molde dado pelos antigos vulcões, colocou no meio do Atlântico florestas intensamente verdes, cachoeiras, penhascos à beira-mar, montanhas a perder de vista e praias entre rochedos. Tudo isso acompanhado de excelentes hotéis com vista para o mar e restaurantes que vão além da gastronomia portuguesa, incluindo também a gostosa gastronomia madeirense.

Essa mistura de cenários só podia fazer com que a Ilha da Madeira se tornasse um dos melhores destinos da Europa para quem busca aproveitar cenários naturais impactantes e realizar atividades de aventura. Pode ser desde a descida em cestos empurrados pelas ladeiras abaixo, na região do Monte (com o nível de adrenalina mais baixo do que parece), até escaladas, *canyoning* e voos de parapente.

Acima, vista sobre a Ponta de São Lourenço.

Na página ao lado, as piscinas naturais do

Porto Moniz e uma das muitas cachoeiras que formam o visual selvagem da Ilha da Madeira

Na Ilha da Madeira,
o mar está praticamente
sempre no horizonte,
enfeitando as curvas
e alegrando as vistas

OFF-ROAD RADICAL

Um dos passeios mais democráticos, capaz de agradar a todas as idades e níveis de aventura, é o tour em carro 4x4. A dica é programá-lo para o primeiro dia, já que é a chance de ter uma visão geral da Madeira, subindo e descendo montanhas e percorrendo ruas tão estreitas, em que só motoristas muito traquejados em manobrar conseguem provar que a mão dupla ali é mesmo possível. No tour da Brave Landers, o 4x4 é privativo, então não tem aquela frustração com o tempo de parada em passeios em grupo: é tudo ao gosto do viajante. Da capital, Funchal, e das plantações de banana, que crescem nessa parte mais baixa e quente da ilha, às florestas úmidas do norte, distribuídas em uma altitude de 1.500 m, o motorista vai contando curiosidades enquanto o carro sacoleja ao passar tanto pelas estradas asfaltadas quanto pelas trilhas *off-road*.

Não há como não se impressionar com lugares como o Miradouro Terra Grande, que parece saído de uma pintura ao revelar a vista da estrada curva, passando lá embaixo, quase espremida entre montanhas gigantescas. Ou com a praia de areia preta do Seixal, enfeitada por montanhas encobertas pela bruma. Ou ainda com as simpáticas vacas peludas,



Ao lado, a terra encontra o oceano no Seixal e viajantes se aventuram em escaladas. Na página ao lado: a abundância natural faz da ilha um lugar ideal para trilhas



É uma espécie de churrasco feito no pau de louro. Embora muitos restaurantes hoje em dia já usem o espeto de metal, Ivan pega ali na hora mesmo o cabo de louro para assar as carnes macias e saborosas, que ele faz questão de comprar da mais alta qualidade. A vantagem é que, com a carne assada no louro, não é preciso temperar nem com sal. Os pratos dependem do que há de mais fresco no momento, e saladas, bolo do caco (o pão de batata-doce mais típico da região) e o vinho regional da Madeira (ou da ilha vizinha, Porto Santo, parte do arquipélago) ainda costumam acompanhar o almoço.

ENTRE AS TRILHAS DA ILHA

Esse momento especial acontece no norte da ilha, o ponto mais alto e úmido e o mais almejado por quem quer fazer trilhas na mata. Afinal, é nesse pedaço que se encontra a Floresta Laurissilva, uma mata densa de 20 milhões de anos, que é Patrimônio da Humanidade pela UNESCO por causa da preservação, da história e das tantas espécies endêmicas. A altitude faz com que as nuvens parem naquela região, contribuindo para a formação dessa mata intensa, recortada por cachoeiras, rios e fontes. Águas escorrem pelas rochas, seja em formato de cascatas, seja de nascentes, e são levadas para o sul por um sistema de irrigação tradicional da

que passeiam livres pela Floresta do Fanal, onde árvores retorcidas feito bonsais gigantes dão um toque de sonho. Com tantas imagens naturais fascinantes, pode parecer que não tem como melhorar, mas tem.

Quem faz a experiência Outdoor Flavors, da Brave Landers, vê tudo isso e ainda é coroado com um almoço ao ar livre em meio à floresta. Ivan, o madeirense que conduz o tour, prepara tudo na hora, inclusive a espetada, um dos pratos típicos da Madeira.



Madeira: as “levadas”, isto é, canais feitos pelos portugueses desde os anos de 1400.

É nesse cenário que se escondem as principais trilhas da Ilha da Madeira. Elas são fáceis e bem sinalizadas, tanto que podem ser feitas de forma independente. Mas percorrê-las com um guia tem a vantagem de que ele transmite, entre um passo e outro, explicações sobre as espécies e a cultura local. O madeirense e guia de montanha Luis Fernandes é um dos que lideram passeios guiados privativos ou em pequenos grupos, por meio da empresa Explore Nature Portugal. Além de ir contando sobre cada planta e localizar bem cada pedra e cada pedaço de terreno para pisar, Luis conhece todos os cantos da floresta, para apontar cachoeiras não tão visitadas e caminhos alternativos com menos gente. A trilha mais famosa é a das 25 Fontes. Ela não é difícil, mas são 6 km iniciais de caminhada (e mais 6 km para a volta) até chegar à cachoeira, que ganha esse nome não só por ela ser bonita e poética: ao redor dela escorrem das rochas 25 fontes.

Luis é atleta profissional de corrida de montanha, o que quer dizer que quem quer mais aventura está em boas mãos. Ele também oferece atividades de *trail running* (corridas em terrenos não pavimentados) em diversos pontos da Ilha da Madeira, como os 10 km nos arredores da península vulcânica Ponta de São Lourenço e a corrida de 18 km que começa pelas estradas da Encumeada, passando por túneis, pela Floresta Laurissilva e pelo lindo Vale da Serra d'Água.

Acima,
as enormes
árvores retorcidas
da Floresta do
Fanal. Na página
ao lado, vista
sobre a Cachoeira
do Risco, que
pode ser acessada
em uma trilha
fácil pela floresta
Laurissilva





UM BANHO NAS ÁGUAS DA MADEIRA

Na Ilha da Madeira, o mar está praticamente sempre no horizonte, enfeitando as curvas de estradas e o terraço dos quartos dos principais hotéis, como o The Reserve, o Savoy Palace e o Les Suites at the Cliff Bay. Com praias mais selvagens e mar revolto, esse não é bem o lugar para entrar no mar tranquilamente – a não ser, claro, nas deliciosas piscinas naturais, como a do Porto Moniz, onde dá para passar horas dentro da água cristalina, envolta em rochas que já foram lava vulcânica. Por isso, para aproveitar o mar como se faz no Brasil, deve-se rumar para a ilha vizinha, Porto Santo, com 9 km de areia e um mar azul-claro, calmo feito o de uma baía.

Já para surfar, a Ilha da Madeira faz jus ao apelido de Havaí do Atlântico, com suas ondas limpas e grandes, que ficaram célebres nos campeonatos internacionais ao serem encaradas por grandes nomes do surfe, como Grant “Twiggy” Baker e Garrett McNamara.

A água tem a temperatura entre 18 e 24 °C o ano todo, as ondas podem chegar a 10 m e surfar por lá é a chance de deslizar por ondas *point break* (com

quebras no fundo de pedra) e *reef break* (com quebras no fundo de corais e recifes). Para quem quer fazer aula de um jeito especial – vendo os paredões vulcânicos da Madeira –, não faltam escolas em Funchal, São Vicente e Machico.

Assim como a água salgada está por todo lado na Ilha da Madeira, a água doce também gosta de se exhibir, especialmente na forma de cachoeira. Por isso, uma atividade popular é o *canyoning*, em que se exploram os cursos de água nadando, saltando e fazendo escalada, ou mesmo rapel. São muitos os lugares e os níveis de dificuldade, mas no inverno os melhores pontos estão no sul, por ter rios mais calmos, e no verão, no norte, onde os rios têm mais volume.

O tanto que existe para fazer já ficou claro, assim como a ótima estrutura da ilha. Isso, somado aos cenários naturais e à gastronomia, rendeu à Ilha da Madeira um título que não é para qualquer um. Há nove anos consecutivos, ela vem sendo premiada no World Travel Awards (o Oscar do turismo) como o “melhor destino insular do mundo”. Mais um apelido que a ilha pode usar com louvor.



ESTANDARTE DA ILHA

Trata-se de um hotel histórico, marcado por grandes acontecimentos, recepções memoráveis e um legado secular. Aberto em 1891, o Belmond Reid’s Palace ocupa posição de destaque não apenas na história da Ilha da Madeira, mas também em sua geografia: está situado acima dos penhascos de Funchal, capital da ilha portuguesa, de onde se tem vistas de tirar o fôlego do Oceano Atlântico. Além da elegância atemporal de todos os ambientes, é cancelado

pela bandeira Belmond, que há alguns anos administra a propriedade, o que garante o serviço primoroso. Chamam a atenção, ainda, os imensos jardins, que fazem jus à diversidade selvagem da ilha, com imensas palmeiras tropicais e orquídeas coloridas. O Reid’s Palace promove programação para todo tipo de interesse, de aulas de dança até *stand-up paddle*, além de passeios pela ilha, tradicionais chás da tarde e grandes momentos em seus famosos restaurantes, incluindo o estrelado William Restaurant. 📍

Acima, vista externa do Belmond Reid’s Palace. Na página ao lado, vista da ilha banhada pelo Atlântico



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

ENTREVISTA

Keith Vincent

O CEO da Wilderness reafirma seu compromisso com o turismo de conservação e lidera a companhia de safáris como um exemplo na arte de receber com autenticidade e sofisticação, dando protagonismo à natureza e às comunidades

POR ERIK SADAQ



Conheci Keith Vincent, CEO da Wilderness, quando comecei minha carreira no turismo, há mais de 20 anos. Junto com Corinna Sagesser, publisher da UNQUIET, compartilho uma profunda admiração por esse visionário, comprometido com a conservação e o turismo sustentável na África. Sob sua liderança, a Wilderness recebeu inúmeros prêmios ao longo dos anos, incluindo o prestigiado Sustainable Tourism Leadership Award na última Virtuoso Travel Week. Esses reconhecimentos reafirmam o compromisso da companhia em proporcionar experiências de safári de classe mundial, enquanto preservam as áreas selvagens e apoiam as comunidades locais.



Acima, capacitação de moradores locais de Ngamo Village, próximo ao Wilderness Linkwasha Camp, no Zimbábue. Na página ao lado, projeto social do Shashe Wilderness Camp, também no Zimbábue

UNQUIET **A Wilderness é conhecida por seu compromisso com a conservação. Você poderia compartilhar alguns dos projetos ambientais mais impactantes em que a empresa está atualmente envolvida?**

Keith Vincent: Nosso maior impacto é o sucesso do modelo pioneiro de conservação e hospitalidade, que atualmente protege 6 milhões de acres (2,3 milhões de hectares) de terras. Nossa meta é dobrar essa área até 2030 e continuar usando nosso negócio para promover um impacto positivo e duradouro. Nossos programas de conservação e empoderamento comunitário se concentram em três pilares: Educar, Capacitar e Proteger. Nossos projetos de agricultura de conservação ensinam técnicas que protegem o solo e promovem a coexistência entre a vida selvagem e os agricultores. Através da Wilderness Trust, apoiamos a Claws em Botsuana, que desde 2013 ajudou a duplicar a população local de leões, gra-

ças a um sistema de alerta que protege as comunidades.

Há algum programa dedicado à educação que gostaria de destacar?

Um destaque do pilar Educar é o programa Children in the Wilderness (CITW), que há mais de 20 anos impacta a vida de mais de 20 mil crianças rurais. Essas crianças participam de Eco-Clubs em escolas próximas às áreas protegidas, e desde 2001 7,8 mil crianças são atendidas anualmente em nossos acampamentos de conservação. Além disso, treinamos mil professores e oferecemos bolsas de estudo a 600 crianças por ano.

Como vocês equilibram a necessidade do turismo com a importância de conservar a vida selvagem e seus habitats?

Para que ecoturismo e conservação sejam mutuamente benéficos, é essencial um planejamento eficaz e deliberado. Na Wilderness, seguimos nossa

Estratégia de Impacto, baseada em uma Teoria da Mudança que define claramente nossas ações e os resultados esperados. Monitoramos e relatamos esses resultados regularmente, promovendo as melhores práticas. Nossos Relatórios de Impacto por país estão disponíveis para demonstrar esses resultados e inspirar melhorias na indústria.

Você pode contar sobre as iniciativas da empresa para reduzir sua pegada de carbono e promover a sustentabilidade em suas operações?

Nossa Estratégia de Impacto define as áreas onde buscamos gerar impacto, começando com nossos *camps* e áreas selvagens privadas. Seguimos um rigoroso Padrão Mínimo Ambiental (GEMS) para construir, operar e descomissionar nossos *camps*, auditando-os duas vezes por ano para garantir 85% de conformidade com o padrão. Monitoramos nossa produção de resíduos e uso de combust-

tíveis fósseis, visando melhorias contínuas. Fora de nossas operações diretas, o Wilderness Trust arrecada fundos para apoiar parceiros de conservação e elevação comunitária alinhados aos nossos objetivos. Nosso programa educacional CITW opera em todos os países em que atuamos e é um exemplo forte desse esforço. Esse trabalho é impulsionado por nossas equipes dedicadas de Impacto, estrategicamente localizadas em cada país onde operamos.

Como a tecnologia mudou a experiência de safári para seus clientes na última década?

Nos últimos anos, a tecnologia verde evoluiu, tornando a energia renovável a norma, com fazendas solares apoiando *lodges* remotos e reduzindo a dependência de combustíveis fósseis. Estamos comprometidos em minimizar impactos ambientais negativos, enquanto promovemos a conservação e o empoderamento comunitário. A adoção

de filtros de osmose reversa nos acampamentos também ajudou a eliminar o uso de garrafas plásticas. O mais gratificante é que essa tecnologia é visível em toda a nossa operação e nas interações com fornecedores e comunidades.

Há inovações tecnológicas novas que você está animado para integrar em seus safáris no futuro próximo? Como a Wilderness utiliza a tecnologia para melhorar os esforços de conservação?

Nossos esforços de conservação incluem o uso de tecnologia avançada, como colares de satélite e sistemas de alerta para proteger leões e elefantes, monitoramento Smart para combater a caça furtiva em Hwange, Zimbábue, e armadilhas fotográficas infravermelhas em Botsuana. Paralelamente, nossos acampamentos na África economizam mais de 5 milhões de kwh de energia anualmente com a adoção de energia solar e sistemas híbridos, evitando

o uso de mais de 1,2 milhão de litros de diesel por ano.

Quais são os objetivos de longo prazo para a Wilderness em termos de expansão e desenvolvimento, incluindo atrair novas gerações para suas experiências?

Nosso objetivo é dobrar a área de terra protegida até 2030. Começamos com a abertura do acampamento móvel Wilderness Usawa, na Tanzânia, em 2023. Expandir nosso modelo de turismo para novas áreas é essencial para proteger as últimas regiões selvagens do mundo, beneficiando também as comunidades locais. Para atrair novas gerações, diversificamos nossa estratégia de mídia social e lançamos uma campanha de influenciadores. Além disso, fortalecemos nossas ofertas para viagens familiares e recém-casados, adaptando-nos ao crescimento das viagens multi-geracionais e proporcionando descontos atrativos para casais.

Expandir nosso modelo de turismo é essencial para proteger as últimas regiões selvagens do mundo

Pode compartilhar planos para novos lodges ou acampamentos que estão em desenvolvimento?

O novo Wilderness Mokete acabou de abrir este mês na concessão Mababe, em Botsuana. Também reconstruímos o Desert Rhino Camp, na Namíbia, e os acampamentos Tubu Tree e Little Tubu, também em Botsuana, que reabriram em julho passado. O Wilderness Bisate Reserve, perto do Parque Nacional dos Vulcões de Ruanda, está previsto para abrir em setembro de 2024.

Como você enxerga o futuro do modelo clássico de safári versus a experiência contemporânea em lodges?

Ambos os modelos coexistem na economia turística atual e futura, atendendo a diferentes demografias e atraindo diferentes tipos de viajantes de safári. O lodge contemporâneo oferece uma experiência focada no luxo, enquanto os acampamentos clássicos de safári, mais acessíveis, proporcionam uma estadia básica, mas confortável. Ambos têm seu lugar no futuro das experiências de safári, dependendo da preferência e do orçamento do viajante.

Qual é o processo de treinamento de seus guias e funcionários para garantir que eles atendam aos altos padrões da Wilderness?

Nos orgulhamos de contar com equipes excepcionais em nossos acampamentos, desde guias até chefs e pessoal de limpeza. Frequentemente, os hóspedes mencionam que nossos funcionários deixaram uma impressão ainda mais forte do que a vida selvagem. Investimos substancialmente no treinamento, incluindo a operação de uma Escola de Treinamento em Botsuana desde 2005. Nossos guias são selecionados pela paixão e conhecimento e são continuamente aprimorados por Guias Principais e Equipes de Treinamento, com cursos anuais que abordam tanto habilidades de interação quanto técnicas.

Pode falar sobre parcerias ou colaborações com comunidades locais ou organizações que ajudam a melhorar suas operações?

Trabalhamos com a Wilderness Vumbura Plains e o Okavango Community Trust em Botsuana, com Ecoexist e CLaws, a nossa parceria pioneira com a comunidade, e a Save the Rhino Trust no Desert Rhino Camp na Namíbia. Temos uma parceria comunitária na Wilderness Bisate em Ruanda para fornecimento local de alimentos e outros itens. A lista de parcerias é extensa e reflete nosso compromisso em trabalhar com as comunidades locais e organizações para promover a conservação e o desenvolvimento sustentável.

Pode destacar alguns de seus projetos ou lodges mais inovadores e explicar o que os torna únicos?



Ao lado, voo em helicóptero usado para patrulhar as áreas do Wilderness Vumbura Plains, em Botsuana

planejado para refletir o ambiente natural e cultural ao redor. No Wilderness Little Kulala, na Namíbia, as cores e formas ecoam as do deserto, enquanto nos acampamentos Bisate e Magashi, em Ruanda, o design incorpora elementos tradicionais da cultura local, como a arquitetura inspirada no palácio do rei ruandês. Além disso, o propósito de cada acampamento é integrado ao design, como no DumaTau, em Botsuana, que destaca a proteção de espécies-chave. A sustentabilidade também é fundamental: muitos acampamentos são movidos a energia solar e construídos com uma pegada mínima, utilizando tecnologias para reduzir o uso de água e energia. Vimos que nossos hóspedes desejam se sentir parte do ambiente e aprender sobre culturas locais, e isso é refletido no design. Além disso, muitos de nossos acampamentos oferecem academias e spas para atender à crescente demanda por bem-estar durante as viagens.

Há projetos ou iniciativas futuras dos quais você está particularmente animado?

Estamos comprometidos em expandir nosso impacto positivo, tanto na África quanto globalmente. Este ano, estamos lançando novos acampamentos, como o Bisate Reserve, em Ruanda, e Mokete, em Botsuana, além de reconstruir o Desert Rhino Camp, na Namíbia, e os acampamentos Tubu Tree e Little Tubu, em Botsuana. Também estamos renovando o branding do nosso programa CITW e

lançando um novo site para o Wilderness Trust, com vários novos projetos de impacto e um relatório de impacto holístico a ser publicado no final do ano.

Como enxerga o papel do ecoturismo evoluindo na próxima década?

Acreditamos que nosso modelo africano de turismo de conservação pode funcionar incrivelmente bem em muitos outros lugares, e pela primeira vez a Wilderness está considerando aquisições fora do continente africano. À medida que o ecoturismo continua a crescer em escala como uma ferramenta de conservação comercialmente viável, também será importante garantir um foco acentuado na gestão da pressão do turismo em paisagens selvagens intocadas. Essa será a próxima evolução crítica no ecoturismo.

Qual conselho daria a outras empresas na indústria de safári e ecoturismo, particularmente no Brasil, que desejam melhorar seus esforços de conservação?

É imperativo trabalhar lado a lado com as comunidades locais e partes interessadas para garantir que o modelo de turismo e os programas de conservação implementados beneficiem, em última análise, as comunidades locais. Isso também garantirá as experiências mais genuínas dos hóspedes, pois são trazidas à vida por pessoas que conhecem intimamente a área e são apaixonadas por sua sustentabilidade a longo prazo 📍

wildernessdestinations.com

CRÔNICA

Efeito Índia

A minha profunda conexão com a cultura indiana e a transformação após uma noite mágica e estrelada no Deserto de Thar, no Rajastão

POR MARCIA DE LUCA
ILUSTRAÇÃO IDA FELDMAN

Era uma vez em novembro de 1982... Mês em que desembarquei sozinha para representar a Cotia Trading na Feira Internacional de Comércio Exterior, que acontecia todos os anos em Nova Délhi – a capital de um longínquo país chamado Índia. Meu coração estava em festa pela expectativa de ir a essa cidade, que me atraía já menina.

Desde então, fui mais de 40 vezes para lugares diversos nesse país, vivenciando experiências inéditas, coloridas, saborosas, repletas de devoção aos deuses do panteão e estudando a filosofia de grande sabedoria desse povo milenar.

A cada vez que por lá chego, me sinto em casa, totalmente à vontade com meus inúmeros amigos indianos. Adoro também levar grupos de alunos, que se encantam com um mundo e uma cultura tão diferentes dos nossos. De todas as viagens que fiz para a Índia, guardo lindas e específicas recordações. Mas o momento mais inesquecível foi a noite que passei no Deserto de Thar, no Rajastão.

Jaisalmer é uma cidade medieval, considerada a porta de entrada para os que querem vivenciar a magia do deserto. E a palavra magia simboliza pouco, muito pouco, perante a profundidade da explosão de sentimentos desencadeada em cada coração. Mesas são montadas sobre as areias para o jantar, com iguarias e especiarias locais, dançarinas com roupas coloridas movem seus corpos sensualmente sob o luar e há música típica, com instrumentos indianos que acalantam os ouvidos.

Nossos cinco sentidos são alimentados por tantos estímulos externos que nos deixam estarecidos com tanta beleza e esplendor. Mas isso não é tudo, e o melhor ainda está por vir.

Antes de me recolher às tendas, incrivelmente confortáveis, até por se tratar de um local tão inóspito, me deitei em tapetes, que foram espalhados sobre as areias para uma vivência inenarrável: de repente, olhei para o céu e senti meus batimentos cardíacos vacilarem por um instante, extasiada diante do milagre da natureza.

Vi um céu salpicado de bilhões de estrelas de primeira grandeza, que pareciam flutuar na imensa vastidão. Em meio à escuridão do deserto, as estrelas brilhavam ainda mais, parecendo pequenas libélulas resplandecentes. Então me veio à mente o questionamento: quem é esse ser, ou essa força, que tem o poder de criar as maravilhas deste mundo?

Fechei os olhos e uma calma me inundou, paradoxalmente trazendo uma sinfonia: os infinitos sons do silêncio.

Desde então, periodicamente me deito em meu tapete, fecho os olhos, me transporto mentalmente para o Deserto de Thar e ouço os sons do silêncio. E então o milagre acontece: cada uma das minhas células entra em *bliss* e em bem-aventurança com o universo.

Convido você, leitor, a ter a audácia de vivenciar essa experiência única. Você vai amar! 📍



Inspiradores



TARSILA DO AMARAL (1886-1973)

A brasilidade é uma constante na obra de Tarsila do Amaral. Considerada uma das mais importantes artistas brasileiras, foi uma revolucionária das artes e de seu tempo. A jovem pintora, que nasceu em Capivari, no interior de São Paulo, em 1886, não se contentou com as fronteiras de sua cidade nem com as de seu país. Para expandir o olhar e apurar os sentidos, ela foi ver o mundo – algo extremamente incomum à época, ainda mais em se tratando de uma mulher. Sua alma de viajante era tamanha que, inclusive, chegou a ser o tema de uma exposição da Pinacoteca de São Paulo, em 2008, chamada *Tarsila Viajante*.

No início dos anos 1920, a década fundamental de sua produção, ela passou entre Paris e Londres, com visitas

a Espanha e Itália, que foram fontes de inspiração e também lhe permitiram ter um olhar distante e generoso sobre seu amado Brasil. Na mesma década, a pintora fez longas incursões em Portugal e novamente Itália e França. No Brasil, viagens ao Rio de Janeiro e às cidades históricas mineiras serviram para impulsionar o interesse da artista pela cultura popular e originaram obras como *O Mamoeiro* e *Carnaval em Madureira*.

Em 1926, Tarsila se rende aos encantos do Oriente Médio, em uma viagem a Turquia, Egito, Chipre, Grécia e Líbano, incursão que rendeu diversos ensaios e a trouxe de volta às raízes brasileiras: foi a época mais marcante de sua trajetória, com a produção de obras icônicas, como o *Abaporu*. Inquieta por natureza, ainda esteve na Rússia, no início dos anos 1930, viagem que inspirou *Operários* e *Segunda Classe*.

Tarsila jamais perdeu de vista a possibilidade de ir além de suas telas e seguiu viajando e criando até o fim. 📍



SAIBA MAIS

>>>>> 1992 >>>>> 2008 >>>>> 2012 >>>>> 2014 >>>>> 2017 >>>>> 2020 >>>>> 2022 >>>>>

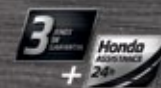


30 ANOS
NUNCA
PASSARAM
TÃO RÁPIDO

CBR 1000RR-R
FIREBLADE SP
30TH ANNIVERSARY
EDITION



Publicis



honda.com.br/motos

*O Honda Assistance 24h oferece um conjunto de serviços para apoiar os clientes em situações emergenciais (panes, acidentes e roubos/furtos). A cobertura abrange Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Bolívia e Paraguai. Para entrar em contato, ligue para 0800 777 6686 (Brasil) ou 55 11 4134 5436 (exterior). Consulte as concessionárias participantes pelo 0800 701 3432.



Paz no trânsito começa por você.





TUDOR



PELAGOS FXD CHRONO



MAIN PARTNER

O que motiva alguém a alcançar o extraordinário? Encarar o desconhecido, aventurar-se pelo incerto e arriscar tudo? Esse é o espírito que deu origem à TUDOR, um espírito presente em cada homem e mulher que usa este relógio. Sem ele, não haveria história, lenda ou vitória. Esse é o espírito que motiva o **Alinghi Red Bull Racing** todos os dias. É o espírito que está incorporado em cada relógio TUDOR. Alguns nascem para seguir. Outros nascem para ousar.

**BORN TO
DARE**